

Copyrighted Material
VOLUME 3

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE UMBANDA

JANAINA AZEVEDO



HISTÓRIA, TRADIÇÃO E RITUAL | ROUPAS E SIGNIFICAÇÃO
ATABAQUES E OUTROS INSTRUMENTOS | CORES PARA CADA ORIXÁ
LETRAS DE PONTOS E ORAÇÕES | USO DE GUIAS E FIOS
A LINHA DO ORIENTE E SUAS FALANGES | OS CIGANOS

UNIVERSO DOS LIVROS
Copyrighted Material

VOLUME 3

TUDO O QUE VOCÊ
PRECISA SABER SOBRE
UMBANDA

JANAINA AZEVEDO

SÃO PAULO
2009

UNIVERSO DOS LIVROS

© 2009 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial

Luis Matos

Diagramação

Fabiana Pedrozo

Stephanie Lin

Assistência Editorial

Gabriela de Avila

Noele Rossi

Capa

Jorge Godoy de Oliveira

Preparação e Revisão

Julio Domingas

Ilustrações

Janaína Azevedo

Projeto gráfico

Fabiana Pedrozo

Foto da Capa

Janaína Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A994t Azevedo, Janaína.

Tudo o que você precisa saber sobre
Umbanda / Janaína Azevedo. – São Paulo:
Universo dos Livros, 2009.
128 p. – (v. 3)

ISBN 978-85-7930-072-1

1. Umbanda. 2. Religião I. Título.

CDD 299.67

A jornada começa a anunciar seu fim. Os caboclos vão achando seu caminho para Aruanda e o povo de rua começa sua partida em direção à Encruzilhada.

Este último livro desta coleção, eu dedico a todos que, anteriormente, já me apoiaram e me ajudaram nesta empreitada. Especialmente ao meu marido, à minha mãe e às entidades ancestrais que sempre me orientaram, fossem as minhas ou as de minha mãe. Este livro, ainda, vai com uma dedicatória especial para minha mãe, para o meu Orixá, Yá Olokun, mãe de Iemanjá, orixá nagô, que digam o que quiserem – que existe, que não existe, e outros tantos talvez – é quem faz de mim o que eu sou e quem me deu o que eu tenho de mais precioso: meu livre arbítrio e minha liberdade de seguir, até minha própria fé, como meu coração me diz que é certo.

SUMÁRIO

Prefácio 9

PARTE 1

INDUMENTÁRIA & INSTRUMENTALIZAÇÃO

Capítulo 1

Indumentária 18

Capítulo 2

Fios e Guias..... 49

PARTE 2

OUTRAS INFLUÊNCIAS NA UMBANDA

Capítulo 3

Outras Heranças Ancestrais 66

Bibliografia..... 126

PREFÁCIO

Este último livro tem um sabor especial para mim; não de vitória, mas de missão cumprida com louvor. Ver o resultado dos meus dois livros anteriores, receber elogios e cumprimentos e sentir que minhas palavras foram bem recebidas tanto entre os que são da religião como os que não são, são algumas das maiores recompensas que eu poderia desejar.

Por isso, e por esse sentimento de satisfação não caber em minhas palavras tão objetivas, decidi fazer deste prefácio uma narrativa em prosa, contando um pouco de como essa experiência deixou-me *em paz*.

Assim, introduzo um conto que tem um pouco de realidade e de ficção misturadas, mas uma boa dose da magia que me cerca e transborda para meus livros. Ele mostra também meu grande vínculo com as águas do mar e com minha mãe, meu Orixá, que me levou a trilhar esse caminho. Aqui, eu entrego minhas lembranças mais ternas, meu sonho em forma de conto de arcaia.

Festa de Iemanjá

*É doce morrer no mar
Nas águas verdes do mar*

Dizia meu velho pai que o ano não começa antes da festa da mãe do mar. Dizia também que de todas as festas, nenhuma é tão linda quanto a festa de Casa.

Hoje eu bem sei. É a festa da Mãe d'água que me faz ficar assim, tão emocionado e tão nostálgico. A batida do coração acelera à medida que chega a hora de ver a minha mãe e entrar em suas águas, para encharcar-me nos seus beijos de mãe e de mulher.

Nas minhas veias não corre sangue negro – bem que eu gostaria de ter aquela pele cor de jambo, escura, e os traços marcados e fortes, imponentes. Mas minha mãe, ainda assim, desde muito cedo, chamou por mim. Talvez por ter nascido no navio que me trouxe de Portugal, ou pelos meus olhos que vivem oscilando entre o azul e o verde, tais quais as ondas da minha mãe do mar.

Minha mãe de sangue não sobreviveu ao parto, morrendo poucos dias depois de chegarmos ao Brasil. Eu já nascera nas águas brasileiras. Ela, minha doce Rainha do Mar, foi a única mãe que conheci – com frequência a via, acercando o berço e à minha volta quando, ainda criança, eu corria brincando com meus amiguinhos. Convivi pouco tempo com meu pai de sangue e meus três irmãos. Todos, católicos, nunca entenderam a estranha magia que me envolvia conforme eu crescia.

Quando falo de um pai – o meu –, não trata-se do de sangue: este entregou-me ao terreiro que ficava próximo da minha Casa quando eu tinha apenas sete anos. Chorei e pedi que viesse me buscar depois dos rituais de que eu tanto precisava. Mas ele nunca veio; ele não entendia o santo e nem o que se passava comigo. Achava e dizia para quem quisesse ouvir que aquilo não era coisa de Deus. Ele me deixou com um novo pai: Celestino, filho da guerra, de Ogum, negro retinto, homem de paz. Foi ele quem me disse que o ano não começa antes da festa da mãe do mar. Doce, doce é o Iemanjá.

Hoje é dia de festa, atualmente sou velho e pai, preparando a mim e aos meus filhos para a festa da minha mãe. Hoje sou eu quem cuida dessa Casa.

O dia começou cedo. Fomos buscar ervas no Mercado de Madureira. Aquele lugar lembra muito a minha infância, depois que cheguei aqui. A cada passo, são tantos sabores, cheiros e cores, tão típicos do mercado e completamente anacrônicos para mim. É como se ainda visse passar as velhas mães, grandes mães-de-santo, procurando por suas ervas de fundamento, dendê, azeite, mel e velas de tantas cores. E visse passar também as Iaôs de Angola e de Ketu, com seu gingado, seus torços justos na cabeça, seus fios tão bonitos de simplicidade faceira e seus panos-da-costa, cobrindo-lhes desde acima dos seios.

“Pai, o senhor está pronto? Está na hora.”

É sempre assim. Todo ano eu fico absorto em meus pensamentos.

“Já vou. Estou terminando de me arrumar. Viu meu abadá?”

“Está na segunda gaveta.”

“Já desço.”

Vou saindo, já é hora. Peguei o abadá, os fios, a sineta. Tudo pronto. Conforme desço as escadas meus filhos vão me pedindo a benção. Abraçam-me e beijam-me. Nunca pedi ou deixei que se curvassem – como

muitos fazem. Um abraço sincero é o bastante. Mostra que sou respeitado por amor, não por medo.

“As comidas estão prontas? Já se despachou Exu para sairmos? Onde estão os açaús para deixar no caminho?”

“Tudo pronto, meu pai, não se preocupe!”

“Então vamos.”

Olho para todos, meio apertados, mas exalando vitalidade e alegria dentro da pequena Kombi azul claro, ano 79, que comprei tempos atrás. Nessas épocas fico mais sentimental ainda. Estão cantando músicas para ela. Músicas de Santo, músicas de MPB. Estão festejando a existência dela; sorrio. É minha mãe. Que filho não se sentiria orgulhoso?

Chegamos à praia de Mangaratiba. Já está um pouco tarde.

As festas nas praias do Rio são lindas, mas a balbúrdia é infinita. Os passantes tornam-se espectadores, as pessoas não limpam as coisas que trazem e a morada da minha mãe vai ficando suja, transformando a areia em um lixão. Aquilo me irrita e, então, prefiro vir para cá. E tudo que vem conosco, volta conosco. Que tipo de religião que preza as forças naturais nós somos se poluímos e deixamos a natureza com nossas marcas indelévels?

Ah... A maresia.

“Fazemos o círculo de sempre, pai?”

“Sim, Glorinha, coloque os dezesseis tocheiros em duas fileiras de oito, com a minha cadeira no meio dos primeiros de cada fileira, e com a frente aberta para o mar, certo? Amarre as fitas azuis e as brancas, para fazer aquela ‘cerquinha’ que a gente sempre faz. Mantenha a frente aberta para levarmos as comidas pro mar, tudo bem?”

Tudo pronto: velas acesas, a barca com os pedidos, as oferendas e as comidas dela; as comidas de quem foi festejar a mãe. Os Ogás batem no coro fazendo os ilús ecoarem pela praia e pela mata que a cerca.

Glorinha, a mãe pequena, dançava feliz, guiando o Orixá Xangô de seu filho Lucas. Antes disso, já tinham passado por ali, Ogum, Logunedé, Oxóssi; todos. Oxalá era o último do Xirê e então abriria para cantar apenas para Iemanjá. Assim se fez. Era hora de cantar apenas para minha mãe. Somente para ela, mas, antes disso, era comum que meus filhos cantassem ‘Parabéns pra você’ para mim.

Eu nunca gostei muito, pois sempre me lembro que estou velho e que, qualquer dia, Iku virá me buscar. Prefiro comemorar minha mãe do que

os 81 anos que completo hoje, 02 de fevereiro, dia de Iemanjá. Mas sorrio, visto que hoje também completo 74 anos de santo.

Eles trouxeram bolo e docinhos. Pela primeira vez acho que talvez seja um dia de comemoração. Ofereci o primeiro pedaço de bolo para minha mãe. Fui até o mar e levei um pedaço de bolo com um pouco da champanhe que estouraram.

Depois, foi a hora de voltar ao Xirê. Não demorou muito e vi minha filha, Janaína, manifestada em sua Oxum. Dancei um pouco com ela e sentei-me de volta em minha cadeira, apenas para observar.

Não tardou e ouvi uma voz de mulher ao meu lado.

“Deve estar cansado. Oitenta e um anos, pai José. Muito mais longe que muitos outros foram.”

Assustei-me a princípio, pois não a vira chegar. Sua voz transmitia-me paz e calma. Apenas sorri. Ela era jovem, bonita, mulata de cabelos muito longos e cacheados, muito negros e olhos azuis da cor do mar.

“Conheci um homem, há muito tempo, que me disse que o ano não começa antes da festa da mãe do mar e que nenhuma festa é tão bonita como a de Iemanjá.”

Sorri novamente. E ela, em retribuição, segurou minha mão. Já era noite e suspirei.

“Venha, venha ver o mar comigo, José.”

Levantei-me. Não senti qualquer peso em minhas pernas como sentia nos últimos anos e nem vi minhas mãos enrugadas.

Pai Celestino também me ensinou que, uma vez na vida, por causa de lenda antiga, Iemanjá é mãe e é mulher. Pensei nisso por um breve momento.

“Feliz Aniversário, meu filho.”

Sorri e a abracei com força. Fomos em direção ao mar. Olhei para trás apenas quando ouvi o brado de todos os Orixás da minha Casa ser dado quase ao mesmo tempo. Estavam ali, para desejar-me uma boa viagem, todos aqueles para os quais ensinei o caminho para esse plano. Glorinha não se virou, e eu ouvi seu grito de pavor cortando a noite, em meio à luz precária dos tocheiros. Vi meu corpo, velho e carcomido pelo tempo, sentado e sem vida na velha cadeira de mogno entalhado. Olhando o mar.

“Venha, vamos ver o mar” – ela me puxou pela mão.

Dei as costas e enquanto era conduzido para o seu reino, pensei que era um bom momento de conhecer as terras de Aiocá. As terras de mi-

nha mãe; do fundo do mar. Pensei nos filhos que deixava e em minha filha Janaína, que agora cuidaria do terreiro. Pensei e cantarolei baixinho, despertando um sorriso nos lábios carnudos dela, fazendo com que ela apertasse firme a minha mão, conforme as ondas já vinham na altura dos joelhos:

*É doce morrer no mar
Nas águas verdes do mar*

Janaina Azevedo

janaina.azevedo@gmail.com

INTRODUÇÃO

*Refletiu a Luz Divina,
Com todo seu esplendor.
Vem do Reino de Oxalá,
Onde há paz e amor.*

Hino da Umbanda (Trecho)

Na introdução de todos os livros anteriores, minha preocupação era sempre a maneira de apresentar o assunto, retomar os conhecimentos anteriores do leitor sobre ele e falar sobre a forma como o conteúdo da série estava sendo organizado.

Desde o primeiro volume desta coleção, optamos por desenvolver o trabalho de pesquisa sobre esse gênero da religião – não por dar preferência a uma vertente da Umbanda, mas por tentar seguir uma linha histórica a partir das influências mais antigas da Umbanda de Tradição. O primeiro livro tinha o objetivo de falar da formação da Umbanda, histórica, sucinta e objetivamente, e de descrever a estrutura básica de um templo. No segundo livro, falamos da doutrina e prática ritual e, agora, no terceiro volume, nosso foco está direcionado para indumentária e a instrumentalização, isto é, o uso corrente de roupas, ritos, objetos, ervas e outros, dentro e fora do templo.

A segunda parte de todos os livros sempre fala das raízes da Umbanda: no primeiro livro falamos de três das mais tradicionais entidades da Umbanda, frutos do processo sincrético que deu origem à religião afro-brasileira da qual tratamos: Pretos-Velhos, Crianças (Erês) e Exus. No segundo livro, o trabalho visava falar dos Caboclos e Boiadeiros, Marinheiros e Baianos e outras incorporações da Encantaria Nacional. Agora, é importantíssimo falar sobre as outras influências que a Umbanda teve ao longo dos anos: a Jurema; o Catimbó e o Catolicismo; os Ciganos e os povos do Oriente; além do papel da Índia e da cultura árabe.

E, novamente, finalizando esta breve introdução, reitero que os conceitos aqui relatados podem divergir daqueles que são parâmetro e dogma em muitos templos por tratarem-se de uma visão generalista histórica e panorâmica, não detalhada, do culto. Sendo a Umbanda um conjunto de templos com diferenciadas práticas religiosas, as informações aqui

expostas buscam esclarecer o leitor da forma mais abrangente possível, sem discriminação ou preconceitos.

Embora tenhamos escolhido lidar com a Umbanda mais diretamente ligada à raiz histórica da criação do culto, isto é, a Umbanda de Tradição, todas as outras têm suas razões de existir e de serem cultuadas. Citando as palavras que encerraram todas as introduções anteriores:

“Nenhum ser humano, especialmente no que concerne aos deuses, é detentor de qualquer verdade universal. A verdade que nos liga ao transcendente é única e verdadeira apenas dentro de nossas almas”.

Junho de 2009

PARTE 1

INDUMENTÁRIA &
INSTRUMENTALIZAÇÃO

INDUMENTÁRIA

*“Lá vem a baiana
De saia rendada, sandália enfeitada
Vem me convidar para sambar
Mas eu não vou...
Lá vem a baiana
Coberta de contas, pisando nas pontas
Dizendo que eu sou o seu ioiô
Mas eu não sou...
Lá vem a baiana
Mostrando os encantos, falando dos santos
Dizendo que é filha do Senhor do Bonfim
Mas pra cima de mim...
Pode jogar seu quebranto que eu não vou
Pode invocar o seu santo que eu não vou
Pode esperar sentada, baiana,
que eu não vou...
Não vou porque não posso resistir a tentação.”*

Lá vem a Baiana – João Gilberto

A indumentária – as roupas – da maioria das religiões afro-brasileiras, especialmente daquelas mais enraizadas nas tradições africanas, é, por si só, um objeto a parte de estudos.

Para as roupas de um Filho de Santo existe toda uma linguagem própria que o identifica como:

- Parte de um determinado templo ou Casa;
- Parte de um determinado grupo dentro da Casa ou de sua doutrina umbandística;

- Possuidor de um determinado cargo dentro do templo;
- Com determinado tempo de convivência e aprendizado dentro da Casa;
- Em qual estágio de evolução espiritual suas entidades estão, em relação às dos dirigentes e às de outros frequentadores;
- Quais são suas entidades e guias;
- E, por fim, quais são seus Orixás.

Tudo isso pela roupa usada, pela maneira como ela é arrumada, pelos fios que a pessoa dispõe e como os coloca. Essa linguagem, para o bom sacerdote, por exemplo, pode mostrar em que tipo de Casa ele está entrando, se o sacerdote em frente a ele é mais velho ou não, quantos filhos de cada tipo de entidade ou Orixá aquele sacerdote possui; enfim, entender o funcionamento de uma Casa, pode começar com a observação das roupas. E quando falamos de indumentárias, não falamos somente das roupas das pessoas. Falamos também das vestimentas da Casa, dos assentamentos, dos cômodos, dos instrumentos e utensílios.

No caso da Umbanda tradicional, isso não é muito diferente, exceto pelo fato de que a roupagem tende a ser mais simples, enquanto os fios passam a ter um significado muito maior.

Na Umbanda de Nação, as tradições originais das religiões africanas acabam por delinear uma grande semelhança entre ela e o Candomblé tradicional.

Nossa intenção nessa seção do livro é tratar de ambos os casos e esclarecer cada uma das situações, por isso, essa é uma parte ilustrada, objetivamente, para que o leitor visualize melhor e, até mesmo, se for o caso, use de exemplo, as justaposições aqui apresentadas.

Assim, dividiremos nosso trabalho, no que concerne a indumentária, em quatro partes.

1. ROUPAS EM DIAS DE FESTAS E COMEMORAÇÃO

Essas roupas são especiais para os adeptos da religião, pois são usadas no dia em que o Orixá vem fazer suas danças e as entidades vêm para receber o agradecimento do trabalho realizado no âmbito espiritual da

Casa. É o momento no qual, do sacerdote ao Filho de Santo, todos se unem para se divertir.

E, ao contrário do que muitos podem pensar, a palavra não foi usada errada: trata-se de *diversão* – no ato de conseguir júbilo e regozijo a partir do prazer de estar em contato com o deus que habita em si e com os ancestrais.

A festa não é só um ato de louvor, mas também de encontro; dança-se muito, não para que os outros vejam, mas para que cada um busque um ponto de satisfação e de encontro consigo e com o que há de mais sagrado em si.

As roupas mostram quem são os filhos e os sacerdotes. Para um leigo esses códigos são ligeiramente perceptíveis, mas para quem está dentro de uma roda ou de uma gira, seus sinais servem para interpretar os sinais que os Orixás e as entidades manifestam em seus filhos.

Existem grandes diferenças entre as roupas dos homens e as roupas das mulheres, até mesmo em relação, por exemplo, à escolha de tecidos.

Homens devem priorizar o uso de tecidos com as cores lisas dos Orixás e das entidades. Já as mulheres devem priorizar o uso de estampas.

Outro detalhe importante é que a roupa do Filho de Santo ou do sacerdote, raramente é inteiramente estampada: usa-se muito uma base branca (as peças mais comuns são brancas) e apenas um detalhe que pode estar na saia, no caso das mulheres; ou na camisa, no caso dos homens; bem como o *Kufi* – chapéu africano – ou pano de cabeça, uma fita amarrada etc., na cor do Orixá da pessoa, ou do Orixá ou entidade em nome de quem aquela festa está sendo dada.

Assim, falaremos nesse caso, basicamente, de seis categorias, que são:

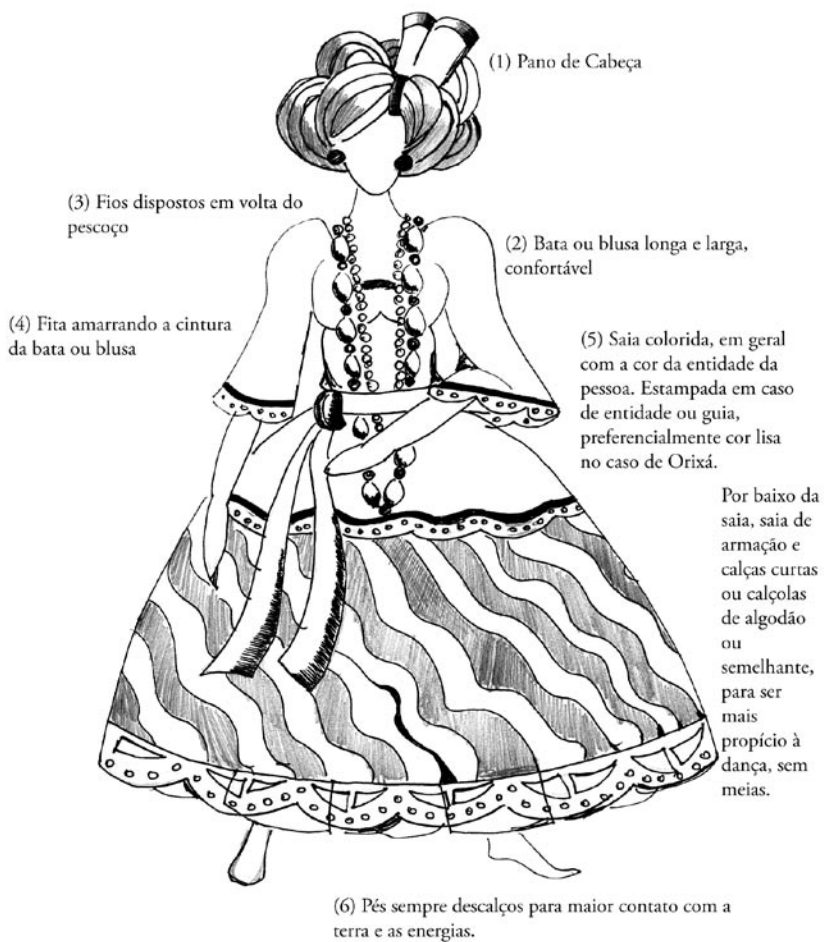


Figura 1.1.: Roupa de Mãe de Santo em dia de comemoração ou festa



Figura 1.2.: Roupa de Pai de Santo em dia de comemoração ou festa



Figura 1.3.: Roupas de Filha de Santo em dia de comemoração ou festa



Figura 1.4.: Roupa de Filho de Santo em dia de comemoração ou festa



Figura 1.5.: Roupa de Cambono, Ekede ou Assistente (mulher) em dia de comemoração ou festa

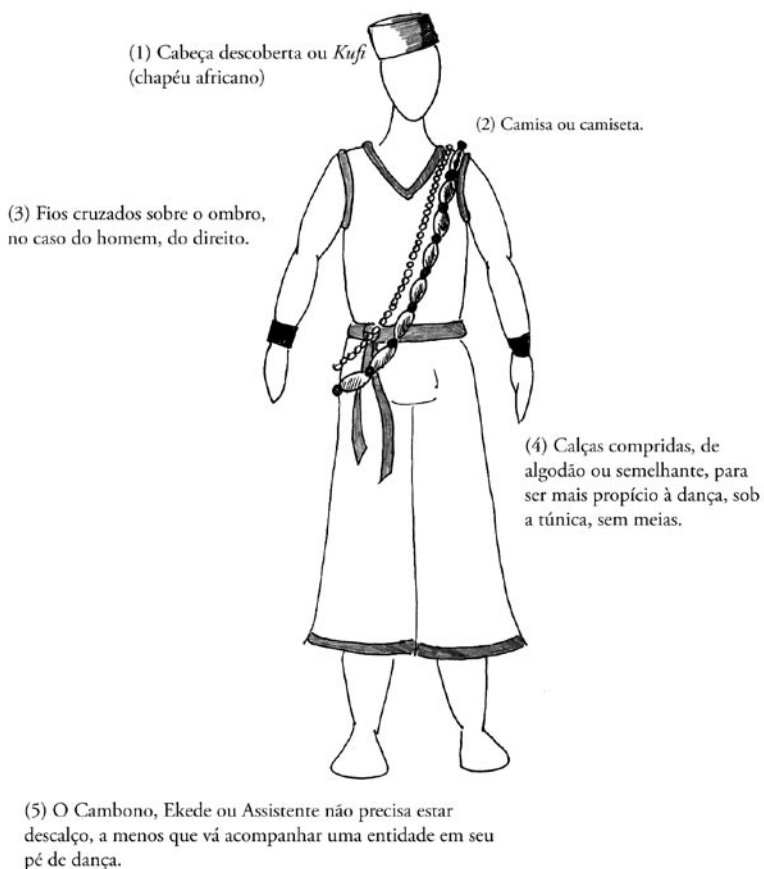


Figura 1.6.: Roupa de Cambono, Ekede ou Assistente (homem) em dia de comemoração ou festa

Alguns detalhes das vestimentas são muito peculiares na Umbanda Tradicional e na Umbanda de Nação. Por exemplo, o torço de cabeça das mulheres serve para prender o cabelo e proteger a coroa da cabeça, mantendo-a longe da visualização de curiosos. O torço da Mãe de Santo, normalmente, faz menção à sua semelhança com uma coroa. Daí sua imponência e tamanho. Também é comum que as pessoas mais velhas de uma Casa de Umbanda de Nação adotem um comportamento semelhante ao de algumas nações de Candomblé: o uso de abas, para mostrar se aquele indivíduo é regido por um Orixá masculino ou por um Orixá feminino – quando usando uma aba só, do lado direito, o Orixá principal daquela pessoa é masculino; quando usando duas abas, uma de cada lado, trata-se de um Orixá feminino.

Enquanto as roupas dos sacerdotes tendem a assemelhar-se às de reis e rainhas africanos com toques europeus (como a saia de armação, típica do século XVII no Brasil), as roupas dos Filhos de Santo lembram muito as roupas “de festa” usadas pelos escravos: mais simples e menos armadas. Não é a toa que, em Casas nas quais a tradição é seguida à risca, quando todos entram no barracão fala-se em “corte” – os reis e rainhas seguidos por seus súditos. O período no qual a pessoa está em aprendizado depois do batismo é aquele em que ela deve ser humilde; daí a roupa faz essa representação. Mesmo assim, muitos utilizam, nessas mesmas roupas, uma linguagem própria para identificar quem é mais velho entre esses filhos (veja a Figura 1.7).



Figura 1.7.: Marcação de Fitas – Processo bastante comum na Umbanda, as fitas na barra das saias ou das calças das pessoas com menos de sete anos, mostram quanto tempo, na realidade, elas têm de religião, tal qual os fios. Saias sem marcação, usualmente, remetem a pessoas que têm menos de um ano ou nem foram iniciadas ainda.

Mesmo assim, alguns alegam que, independente de quão velha seja a pessoa, ela sempre terá algo a aprender e, por isso, todas as roupas são iguais e humildes, lembrando os negros nas senzalas, lugar de origem da Umbanda.

A questão é: independente da roupa, o que importa é o respeito pelas entidades e pelos Orixás. Além disso, se um médium não se sente bem e esse mal-estar em usar a roupa que está predeterminada para ele interfere em sua participação nas atividades e no culto, uma boa conversa e compreensão do sacerdote e da própria pessoa são suficientes para desfazer qualquer situação incômoda¹.

Também, algo bastante recorrente em todos os casos que vimos descritos nas imagens e em suas legendas é a referência à cor de cada Orixá, ou entidade, relacionada ao seu respectivo filho e à sua natureza. Falaremos mais sobre as cores de todos os Orixás quando abordarmos o tema fios e guias, mas é interessante colocar aqui referências de cores lisas e estampas que podem servir para cada Orixá e para cada tipo de entidade.

No caso das entidades, existe, ainda, uma peculiaridade sobre a qual devemos falar: quando ela vem em terra, normalmente pede para que a roupa de seu filho seja adaptada à sua vontade. Assim, em geral, quando mulheres recebem entidades masculinas, tais entidades pedem que a saia seja retirada, quando possível, para que fiquem apenas de calças, e que um pano seja amarrado sobre os seios, apertando-os e comprimindo-os, tornando seu aspecto mais masculino. No caso dos homens que acabam, por ventura, possuindo entidades femininas manifestantes, é comum que elas peçam saias ou coisas do gênero, ou pelo menos um pano longo para amarrarem na cabeça no lugar do que seriam os cabelos compridos.

¹ N.A.: Recomendo aos leitores que releiam o apêndice três do primeiro volume desta série, a exemplo disso: O masculino e o feminino na Umbanda e a homossexualidade no Culto. Lá, discuti um pouco sobre os papéis de cada gênero e as energias masculinas e femininas. Falo disto porque, no que concerne à indumentária, não é raro que haja indivíduos transgêneros e transsexuais que, frequentando o culto e polarizando sua energia na direção oposta de seu sexo, queiram – no caso de um homem – usar roupas mais femininas, como o torço em vez do *Kufi*, por exemplo; ou no caso de uma mulher, que ela prefira usar calças em vez de saias e apenas um pano amarrado na cintura ou, mesmo, tocar atabaque. Como lidar com esse tipo de situação é uma definição de cada Casa.

ORIXÁ	COR	ESTAMPAS OU PADRÕES
Exu	Preto e Vermelho	<p><u>Para mulheres:</u> estampas com rosas e outras flores vermelhas, chamativas, preferencialmente com fundo preto.</p> <p><u>Para homens:</u> preferencialmente, pano liso, preto; senão, estampas que lembrem fogo ou noite.</p>
Ogum	<p>(<i>U.T. – Umbanda Tradicional</i>) Preto, branco e vermelho</p> <p>(<i>U.N. – Umbanda de Nação</i>) Azul-royal com vermelho ou verde-escuro ou apenas azul-royal</p>	<p><u>Para mulheres:</u> estampas com azul-royal e prata, sempre com algo mais agressivo, ou lembrando folhagens. (<i>U.N.</i>) Ogum também veste marió (saiote de folhagens, sobre a roupa), então, algumas estampas de verde, com folhas grandes e de um tom mais escuro também servem a Ogum.</p> <p><u>Para homens:</u> preferencialmente, pano liso, azul-royal; senão, estampas que lembrem o ferro e a mata.</p>
Oxossi	<p>(<i>U.T.</i>) Verde-claro</p> <p>(<i>U.N.</i>) Verde-claro com branco ou azul-claro</p>	<p><u>Para mulheres:</u> estampas em azul-claro ou que lembrem folhagens mais suaves, absolutamente sem flores.</p> <p><u>Para homens:</u> preferencialmente pano liso, azul-claro ou verde-claro.</p>
Ossaim	<p>(<i>U.T.</i>) -----</p> <p>(<i>U.N.</i>) Vermelho-goiaaba com verde-folha</p>	<p><u>Para mulheres:</u> estampas que lembrem mata, folhagens fechada, plantas e folhas de todo tipo, sem flores.</p> <p><u>Para homens:</u> preferencialmente, pano liso, nos tons do Orixá.</p>

ORIXÁ	COR	ESTAMPAS OU PADRÕES
Naná Buruku	(U.T.) Lilás com branco (U.N.) Lilás ou roxo com branco	<p><u>Para mulheres:</u> estampas suaves, floridas ou que lembrem a consistência das águas, sempre em lilás. Embora o roxo também seja uma das cores de Naná, é a cor de quando ela está relacionada com a morte, então, deve-se evitá-la.</p> <p><u>Para homens:</u> preferencialmente, o homem que possui qualquer relação com Naná, já que filhos dela são muito raros, deve usar sempre roupa branca e no máximo um detalhe como uma fita no braço ou como um broche, em lilás.</p>
Omolu / Obaluaé	(U.T.) Preto e branco ou amarelo e preto (U.N.) Preto e branco ou preto e marrom-escuro	<p><u>Para mulheres:</u> sempre dar preferência a estampas marrons, que se alternem com branco e que sejam neutras, lembrando peles de animais.</p> <p><u>Para homens:</u> preferencialmente, branco com marrom.</p>
Xangô	(U.T.) Vermelho e branco (U.N.) Vermelho e branco ou marrom e branco	<p><u>Para mulheres e homens:</u> Xangô é o único Orixá que, para mulheres ou homens, deve-se dar preferência somente às cores lisas. O vermelho é o real, o vermelho dos reis – devem-se usar tecidos nobres, pois Xangô é o rei. Sempre com muito branco, por que Xangô também usa muito branco, e, alguns, por conta de seus grandes vínculos com Oxalá, acabam, mesmo, só usando branco.</p>

Iansã	<p>(U.T.) Vermelho-coral ou rosa e amarelo</p> <p>(U.N.) Rosa ou vermelho-coral e tons de alaranjado</p>	<p><u>Para mulheres:</u> estampas com rosas e outras flores vermelhas, alaranjadas, bem chamativas e alegres e estampas que lembrem o vento ou a tempestade.</p> <p><u>Para homens:</u> dar preferência ao uso de pequenos detalhes na roupa com a cor do Orixá. Evitar grandes estampas e usar mais a cor lisa, especialmente o vermelho-coral e os tons alaranjados.</p>
Oxum	<p>(U.T.) Amarelo-ouro</p> <p>(U.N.) Amarelo-ouro ou azul-claro (transparente) com amarelo ou com branco</p>	<p><u>Para mulheres:</u> estampas floridas, com girassóis e outras flores amarelas, temas que lembrem ouro e riqueza, de bom gosto e vaidade, pois Oxum é vaidosa. O tecido deve ser bem leve e solto para facilitar o banho da Oxum, caso ele seja representado.</p> <p><u>Para homens:</u> dar preferência ao uso de pequenos detalhes na roupa com a cor do Orixá. Evitar grandes estampas e usar mais a cor lisa, especialmente o amarelo ouro ou o azul-claro.</p>
Ibeji	Azul-bebê e rosa-bebê	<p><u>Para mulheres e homens:</u> cores lisas ou motivos mais infantis, tendendo para o masculino (azul) ou feminino (rosa), mas sem necessariamente ser “de criança”. Uma coisa que se deve evitar é o uso de estampas de bichinhos e coisas muito infantilizadas ou de personagens de desenho animado. Dê preferência aos símbolos: carrinhos e caminhões para meninos, bonecas e outros para meninas, ou estampas mais neutras, nesse sentido, além, claro, do tecido liso.</p>

ORIXÁ	COR	ESTAMPAS OU PADRÕES
Iemanjá	(U.T.) Branco e azul-claro (U.N.) Branco e azul-claro, prata e azul-claro e rosa bem clarinho.	<p><u>Para mulheres:</u> estampas floridas, com rosas brancas e azuis e outras flores mais delicadas, temas que lembrem mar e ondas. O tecido deve ser bem leve e solto para facilitar o Banho da Mãe d'Água, caso ele seja representado.</p> <p><u>Para homens:</u> dar preferência ao uso de pequenos detalhes na roupa com a cor do Orixá. Evitar grandes estampas e usar mais a cor lisa, especialmente o azul-claro.</p>
Oxalá	Branco	<p><u>Para mulheres:</u> estampas em branco e prata, mas, preferencialmente, tecido completamente liso e branco. Tecidos nobres são desejáveis, pois Oxalá é o pai de todos, mas certas vezes, ele prefere o algodão mais humilde.</p> <p><u>Para homens:</u> preferencialmente, pano liso, branco. Usar roupa totalmente branca e sempre manter a cabeça coberta.</p>

Tabela 1.1.: Cores, estampas e padrões para cada Orixá.

GUIA	COR	ESTAMPAS OU PADRÕES
Exu & Pombagira	Preto e vermelho	<p>Para <u>mulheres</u>: estampas com rosas e outras flores vermelhas, chamativas, preferencialmente com fundo preto.</p> <p>Para <u>homens</u>: preferencialmente, pano liso, preto; senão, estampas que lembrem fogo ou noite.</p>
Preto-Velho	Branco	Estampas em branco, preferencialmente, tecido completamente liso, em branco ou tom cru.
Caboclo	Verde-escuro com branco	Estampas em verde ou que lembrem folhagens mais suaves, absolutamente sem flores. No caso das caboclas, essas folhagens podem conter flores.
Erês	Azul-bebê e rosa-bebê	Cores lisas ou motivos mais infantis, tendendo para o masculino (azul) ou feminino (rosa), mas sem necessariamente ser “de criança”. Uma coisa que se deve evitar é o uso de estampas de bichinhos e coisas muito infantilizadas ou de personagens de desenho animado. Dê preferência aos símbolos: carrinhos e caminhões para meninos, bonecas e outros para meninas, ou estampas mais neutras, neste sentido, além, claro, do tecido liso.

GUIA	COR	ESTAMPAS OU PADRÕES
Boiadeiros	Verde-escuro com branco e coisas em couro, de vaqueiro ou peão	Roupa branca com estampas que lembrem couro e aspectos regionalistas, de acordo com a entidade.
Baianos	Amarelo com preto	Roupas com estampas chamativas de chita são muito utilizadas.
Marinheiros	Branco e azul-marinho	Sempre as cores lisas para os homens. As mulheres da beira do cais, que também vêm na linha de marinheiro, acabam por usar praticamente qualquer estampa florida.
Ciganos	Arco-íris	Os ciganos usam praticamente todas as cores. Entre as mulheres, apenas, evita-se a cor preta em qualquer peça ou acessório.

Tabela 1.2.: Estampas, padrões e cores para cada guia.

A opção está sujeita à cada Casa no que concerne a satisfazer essas vontades. O que se deve evitar é que, cedendo a essas vontades, em especial para entidades que ainda sejam muito ligadas ao plano material – como Exus e Baianos – que a entidade passe a interferir na masculinidade ou na feminilidade de seu médium, voltando a apegar-se à carne.

Outro detalhe é que, independente da situação, os rituais são realizados com o pé no chão, facilitando o contato com a energia da terra e evitando acidentes no ato da incorporação, já que sapatos (especialmente os de salto alto) tendem a ser pegos, dados os movimentos bruscos do ato.

2. ROUPAS PARA DIAS DE TRABALHO E ATENDIMENTO

As roupas para os dias de trabalho e atendimento são semelhantes às dos dias de festa e seguem normas muito análogas às descritas, em relação à hierarquia, à função desta e como ela se manifesta. Ainda vale dizer que, aqui, o que impera é a vontade de cada Casa.

Para falar da roupa de “trabalho” da Umbanda (que, analogamente, existe no Candomblé e é conhecida como roupa de ração) devemos lembrar-nos de dois fatores importantes: a Umbanda teve uma forte influência do Kardecismo, então, é comum que encontremos pessoas usando roupas que se assemelham a jalecos de médicos (os Cambonos, especialmente, optam por esse tipo de vestimenta), guarda-pós e aventais, geralmente brancos e com bolsos para guardar caneta e papel usados para anotar o que as entidades recomendam aos consulentes ou, ainda, objetos que venham a ser usados no culto e que tenham de estar sempre à mão.

A Umbanda mais tradicional, geralmente, uniformiza todos os filhos, com uma roupa que é dada pela própria Casa, para que ninguém, nem os dirigentes, sobressaiam-se; uma maneira de pregar a igualdade e não incitar o orgulho e a prepotência.

Além disso, em outras Casas, em especial nas de Nação, é comum que as pessoas usem roupas diferentes para cada uma das funções que desempenham, assim, fica fácil identificar quem faz o quê, e como. Pais e Filhos de Santo usam um tipo de roupa, enquanto Cambonos, Assistentes e Ekedes usam outros.

Entenda melhor vendo as imagens a seguir:

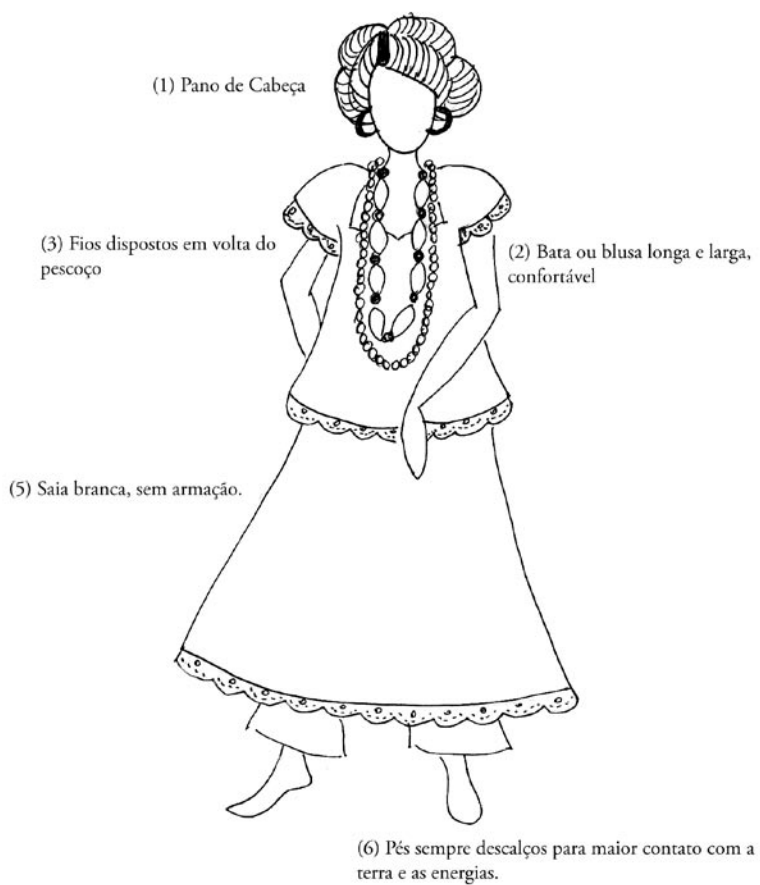


Figura 1.8.: Roupa de Mãe de Santo em dia de trabalho

(1) Pano de Cabeça ou *Kufi* (chapéu africano)

(2) Abadá ou túnica própria dos homens.

(3) Fios dispostos em volta do pescoço



(4) Pés sempre descalços para maior contato com a terra e as energias.

Figura 1.9.: Roupas de Pai de Santo em dia de trabalho



Figura 1.10.: Roupa de Filha de Santo em dia de trabalho

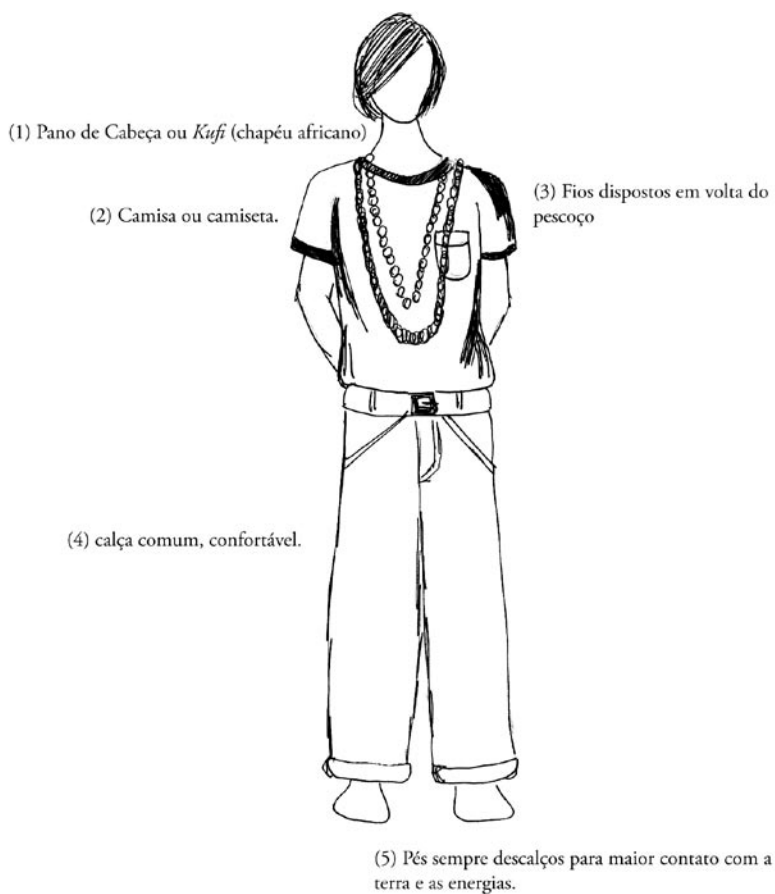


Figura 1.11.: Roupas de Filho de Santo em dia de trabalho

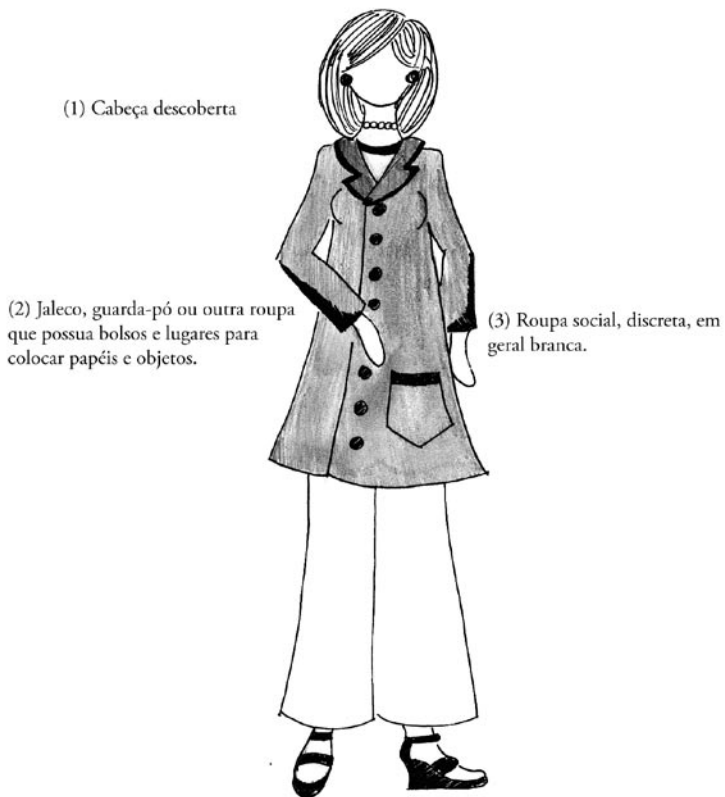


Figura 1.12.: Roupa de Cambono, Ekede ou Assistente (mulher) em dia de trabalho

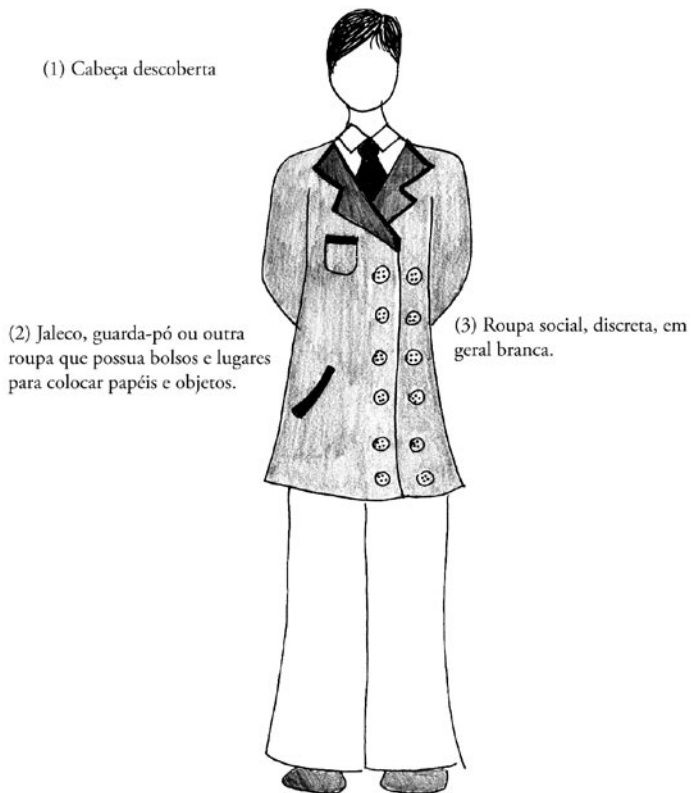


Figura 1.13.: Roupa de Cambono, Ekede ou Assistente (homem) em dia de trabalho

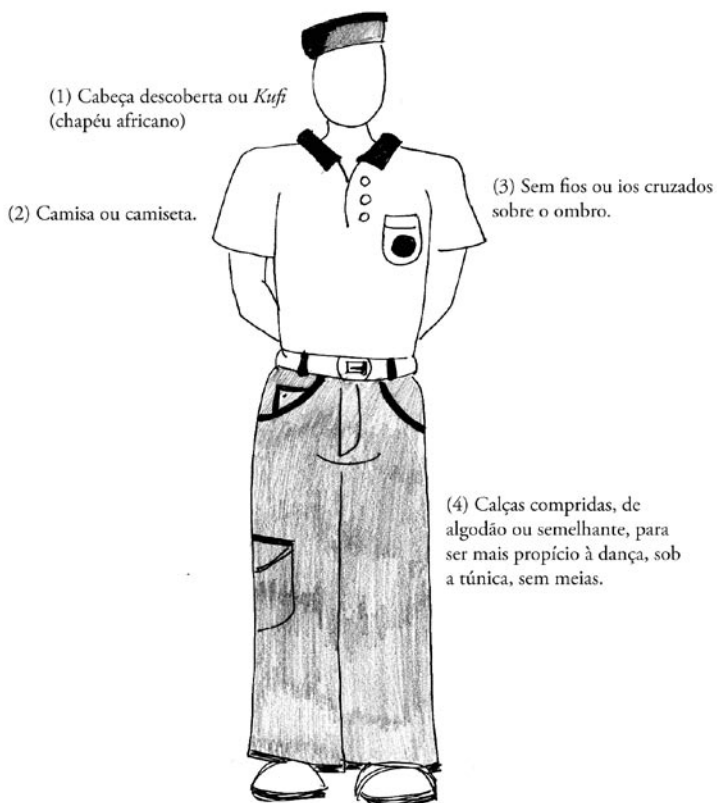


Figura 1.14.: Roupas de Ogã em dia de trabalho

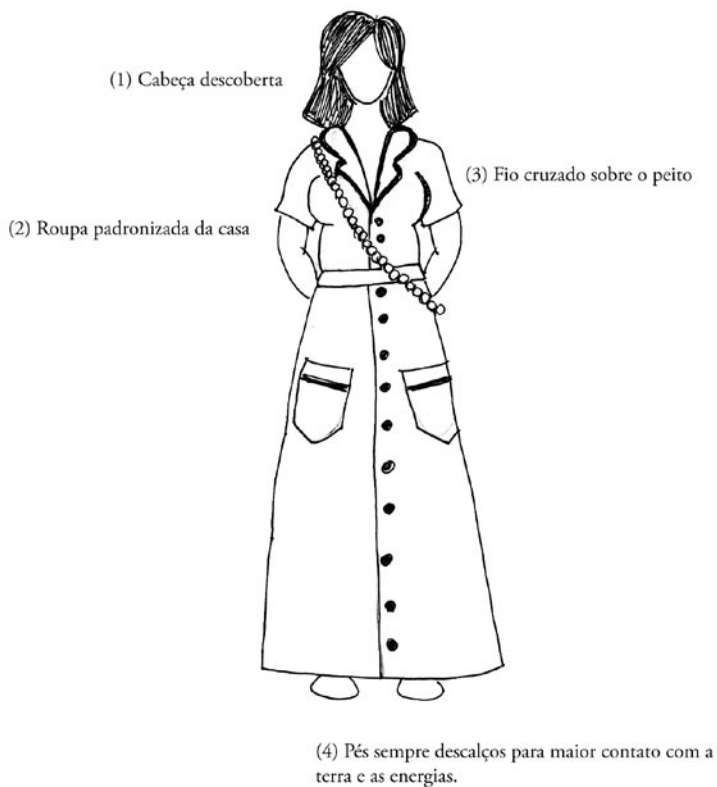


Figura 1.15.: Roupas de Filha de Santo em Umbanda Tradicional



Figura 1.16.: Roupa de Filho de Santo em Umbanda Tradicional

3. ROUPAGEM DOS AMBIENTES E DOS INSTRUMENTOS

As pessoas não são as únicas que se vestem para a Umbanda: tudo que tem vida e que participa da energia do culto deve estar vestido. Por isso, os ambientes e os instrumentos utilizados devem sempre estar devidamente adornados e vestidos, seja com panos, fitas ou adereços diversos.

Para falar de cada um desses casos, dividimos este tópico em dois subtópicos: a Casa e os Instrumentos.

A Casa

A frente da Casa deve sempre conter a bandeira ou estandarte da Casa voltada para o norte. Abaixo dela, em fitas, devem estar as cores do Orixá que regem a respectiva época do ano.

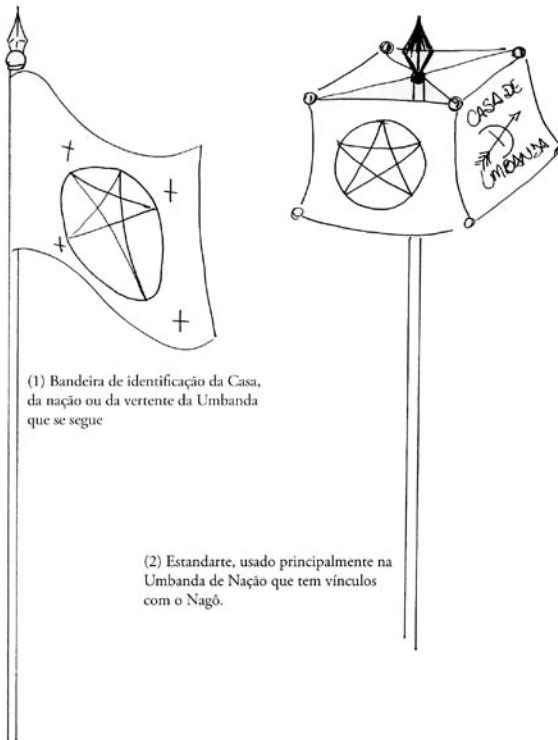


Figura 1.17.: Bandeira e estandarte.

Já no Congá, é necessário manter sempre uma cortina enfeitada com laços ou presa por cordões na parte de trás. Isso serve para reservar um espaço no qual os ritos que não devem ser vistos por todos possam ser realizados.

Além disso, em épocas predeterminadas – como naquelas em que Orixás como Nanã, Xangô, Oxalá e Iemanjá estão mais presentes e regendo, é de praxe manter um “Alá” no centro do barracão, preso ao teto ou caibros que o sustentem, com as cores do devido Orixá e com seus símbolos bordados ou pintados no centro. Algumas Casas, procurando facilitar a situação, mantêm o teto forrado com panos que fazem esse papel, criando a agradável sensação de estar numa tenda de ricos tecidos.

(1) Alá de Xangô, o Alá é usado para receber pessoas importantes em uma casa e pala levar debaixo de si os Orixás e entidades

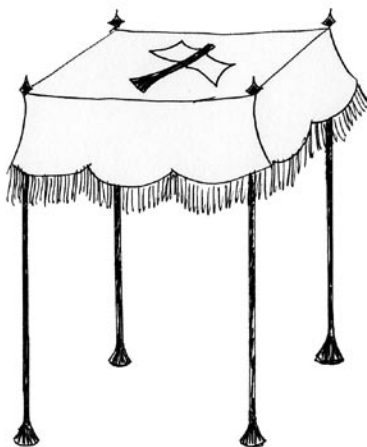


Figura 1.18.: Alá de Xangô

Essas roupagens não são utilizadas somente em dias de festa. Pelo contrário, elas são necessárias – se devidamente preparadas, lavadas com ervas e energizadas pelas entidades mantenedoras do equilíbrio espiritual da Casa – para diversas funções nos trabalhos como, por exemplo, curas (especialmente sob o Alá de Nanã e Oxalá), equilibrar as energias

e as emoções (sob o Alá de Iemanjá) e pedir por justiça (sob o Alá de Xangô).

Infelizmente, hoje, na Umbanda, especialmente a de Nação, na qual surgiram muitas dessas tradições, essas práticas têm caído no desuso e estão sendo, aos poucos, esquecidas.

Os Instrumentos

Alguns instrumentos utilizados na Casa tendem a receber pequenas roupagens, cujas cores e estampas podem variar de acordo com a época do ano, a ocasião e qual Orixá é celebrado ou qual entidade é cultuada naquele momento.

Os atabaques, por exemplo, recebem grandes laços feitos de grandes tiras de pano engomadas para ficarem bem armados e imponentes. O mesmo é feito com os ilús. Nesses instrumentos, nunca se aplica fios ou fitas que façam referência à entidades ou guias. Tais instrumentos são prioritariamente dos Orixás, diferentemente de Agogôs, Djembes e Xequerês, que também recebem paramentação especial, com fitas coloridas e fios de contas nas cores dos Orixás.

Também existe a sineta, mas esta só é adornada, se for o caso, com fitas brancas fechadas com três nós e contas brancas leitosas.

Na Umbanda de Nação, usa-se também o Adjá, que pode ou não ser adornado com fitas ou grandes tiras de tecido.

Por último, é necessário dizer que facas, lanças e tridentes nunca devem ser adornados, pois pertencem a Ogum e ele não gosta de muitos enfeites. O ideal é que, de acordo com cada Casa e cada dirigente, esses adornos tornem o ambiente mais aconchegante, recheado de boas energias e pronto para comemorações ou para o trabalho de cada dia.

4. ROUPAGENS RITUALÍSTICAS

Determinadas roupas, sejam dos indivíduos ou da Casa, devem ser usadas somente para fins específicos.

No volume II desta série, falei bastante sobre o batismo, a importância de a roupa ser nova e de cada indivíduo possuir sua própria toalha. Naquele ato, em geral, a toalha é branca, sem nenhum tipo de bordado que represente qualquer símbolo (isso não é regra, uma vez que pode

conter o ponto de Oxalá, já que ele está acima e é o pai de todos os Orixás, e rege o momento do batismo).

Uma tradição já um tanto perdida, porém, é a das toalhas que carregam o ponto do Orixá da pessoa ou o ponto da entidade guia de sua cabeça. Essas toalhas têm papéis ritualísticos importantes e são usadas em giras, trabalhos, curas e obrigações do médium. Elas são abençoadas com a energia da entidade ou do Orixá. Assim, elas são de grande valia e um poderoso vínculo com o plano espiritual.

Algumas pessoas, contudo, nos dias de hoje, têm certo receio de bordar o ponto de suas próprias entidades em uma toalha que, eventualmente, outras pessoas podem acabar tendo acesso. Como essa é uma informação sobre o médium que pode ser usada para prejudicá-lo de alguma maneira, existem pontos “genéricos” que servem para encantar e invocar, para aquele instrumento, a energia de toda uma linha, falange ou elemento natural.

Outra opção é bordar o símbolo que mais se relaciona ou mais está presente na representação da entidade ou do Orixá.

Ainda, quando nos referimos à Casa ou ao Templo, essas toalhas são feitas em maior escala e usadas como “Alás” para cobrir Orixás e sua corte e receber devidamente outros sacerdotes na porta do templo em dia de festa, entre outras funções.

FIOS E GUIAS

“Só vai ao Bonfim quem tem

Um rosário de ouro

Uma bolota assim

Quem não tem balangandãs

Não vai ao Bonfim”

O que é que a baiana tem? – Carmen Miranda

A Umbanda tem, em si, um caráter de evolução contínua e progressiva. Assim, conforme crescem os conhecimentos e os direitos de cada pessoa, crescem também a responsabilidade e a obrigação dela para com a religião. Daí surge o conceito de que, com o tempo, a pessoa adquire a maturidade suficiente para ir, aos poucos, entrando em contato com os aspectos mais profundos do cotidiano religioso.

Na Umbanda, num processo muito análogo ao do Candomblé, a pessoa sobe na hierarquia conforme aprende, com o tempo, a lidar com todos os aspectos da religião. Isto é, quem sabe mais está num cargo mais alto; não para comandar, mas para ensinar e instruir.

A grande diferença entre a Umbanda e o Candomblé mais tradicional é que, neste último, o saber estreita-se e evolui sempre no tempo humano real; “quem sabe, não sabe para si nem por si, sabe a partir da necessidade e para fins”. Já na Umbanda, o contato com os ancestrais, com os guias entidades e a dedicação, bem como a capacidade de doar-se e dedicar-se, fazem com que o aprendizado dependa muito mais da capacidade de “ouvir” o mundo, os espíritos e os deuses, numa conexão mais direta com o mundo espiritual, fazendo com que algumas pessoas cheguem rapidamente a um ponto no qual possam passar adiante muitos tipos de conhecimento; nem sempre adquiridos no plano físico ou no tempo humano.

“O saber é ao mesmo tempo o segredo, a necessidade e a capacidade de materializar o conhecimento, transmutando mitos em ritos, práticas e objetos. Quanto mais conhecimento tanto mais ritos, práticas e objetos”.

(Citação de Guilherme Lemos, Mestre em Filosofia pela UERJ).

Nas duas religiões, contudo, a maneira de contar o tempo e o conhecimento de cada indivíduo vem por conta dos colares, guias ou fios de contas que cada membro da religião carrega. Nas histórias que se referem aos Orixás, os fios de contas são objetos de identificação dos filhos de cada Orixá, entidade ou sucessores de uma linhagem ancestral.

Fazem parte do rito de contagem do tempo por meio dos fios: a montagem, a lavagem e a entrega dos mesmos, como instituições fundamentais da iniciação e da entrada na religião. Um filho que carrega um fio está unido ao seu Orixá e, mais que isso, protegido e cercado pela energia dele.

Esses fios são feitos com materiais e cores variadas, podendo ser agrupados de maneiras distintas, de acordo com seus usos e significados, acompanhando a vida espiritual do umbandista desde os preâmbulos de sua iniciação até os últimos momentos de seus ritos fúnebres.

Tudo que se relaciona a um fio tem significado e deve ser medido, pesado e considerado com responsabilidade: as ervas que vão banhar um fio devem ser escolhidas a dedo e, no momento de recebê-lo, o filho deve estar ciente de que aquilo é um direito, um privilégio e uma responsabilidade. Como um fio isola a energia de uma pessoa e impregna-se com ela, ele nunca deve ser usado em momentos de fusão de energias, como no ato sexual, ou durante a gravidez, se possível, mas, para tanto, basta apenas retirá-lo do pescoço e guardá-lo pelo tempo que for necessário. Como nos momentos da montagem e do recebimento, se o fio rompe-se, muitos significados acercam o momento. Em geral, as pessoas têm o hábito de achar que um fio rompido é um mau presságio, sinal de que as coisas não vão bem ou de que algo ruim está para acontecer. Entretanto, também pode representar o início de um novo ciclo, um recomeço que pede um novo fio.

Ainda, a maneira como se usam os fios, difere de pessoa para pessoa, de necessidade para necessidade (conforme foi visto nas ilustrações que demonstravam o uso da indumentária do Candomblé). O fio colocado sobre a nuca, envolvendo o pescoço e caindo sobre o peito é o fio de to-

dos os que manifestam a mediunidade e a incorporação. Já aqueles que trabalham como Ekedes, Ogãs, Cambonos e Assistentes na Casa, usam os fios cruzados no corpo: as mulheres, da esquerda para a direita e os homens da direita para a esquerda.

A seguir, falaremos mais propriamente dos materiais e da maneira de produzir os fios mais básicos e algumas das características pertinentes a eles. É necessário dizer que, nesse ponto, não é possível diferenciar com precisão o que pertence à Umbanda Tradicional e o que pertence à de Nação. As influências do candomblé sobre ambas e as posturas de cada Casa é que delimitam esses fatores.

MATERIAIS

Mesmo antes de transformarem-se nas guias que conhecemos, os materiais devem ser cuidadosamente escolhidos e preparados, energizados e pensados no sentido de proporcionar o melhor elo entre entidade e médium, bem como, proteção.

Os fios, habitualmente, são feitos com cordões encerados e resistentes, bem finos, de sisal ou algodão. Mais recentemente, outro material passou a ser utilizado também: o nylon. Embora ele seja artificial – é um derivado de petróleo, isto é, um tipo de plástico – seu uso já acontece em larga escala, prática que os mais tradicionais abominam, já que a artificialidade do material não é bem vista. Entretanto, as miçangas usadas hoje em dia também são feitas de material análogo ao do nylon e não mais de vitrílio ou âmbar como eram antigamente, o que tornaria injustificada a opção por não usar nylon, mas usar miçangas plásticas.

Outros materiais, largamente utilizados neste caso, são as “lágrimas de Nossa Senhora”, dentes, palhas, contas de cristal, contas de madeira, tento ou fava de Exu, firmas (grandes contas coloridas feitas de vidro fosco ou transparente), contas de louça, canutilhos, etc. Outra prática, hoje mais incomum e cada vez mais difícil de manter, é a utilização das contas de louça, já que há, em sua composição, a mistura de água e terra, de onde foram criados o mundo e o homem; hoje, contudo, elas são caras e altamente quebráveis.

Veja no mapa abaixo alguns dos materiais mais comuns ilustrados e algumas de suas disposições mais comuns.

Ilustração dos Tipos de Fios Utilizados

(1) Fio com 'pernas' (seqüência de miçangas intercaladas por contas maiores)



Palha da Costa ou fita de Cetim para cobrir os nós e as ervas que circundam o fecho.

(2) Fio simples com firma no fecho



(3) Fio com Bolinhas de vidro ou Miçangão



Palha da Costa ou fita de Cetim para cobrir os nós e as ervas que circundam o fecho.

(4) Fio simples com firma e canutilho



Para entender melhor outras descrições destes fios, leia a seqüência específica no capítulo relacionado. Estas imagens são meramente ilustrativas e não resumem de forma alguma todas as possibilidades de combinação e forma que esta parte da indumentária pode assumir.

Figura 2.1.

Materiais comumente utilizados na Fabricação de Fios

Fios simples de miçanga



Figura 2.2.

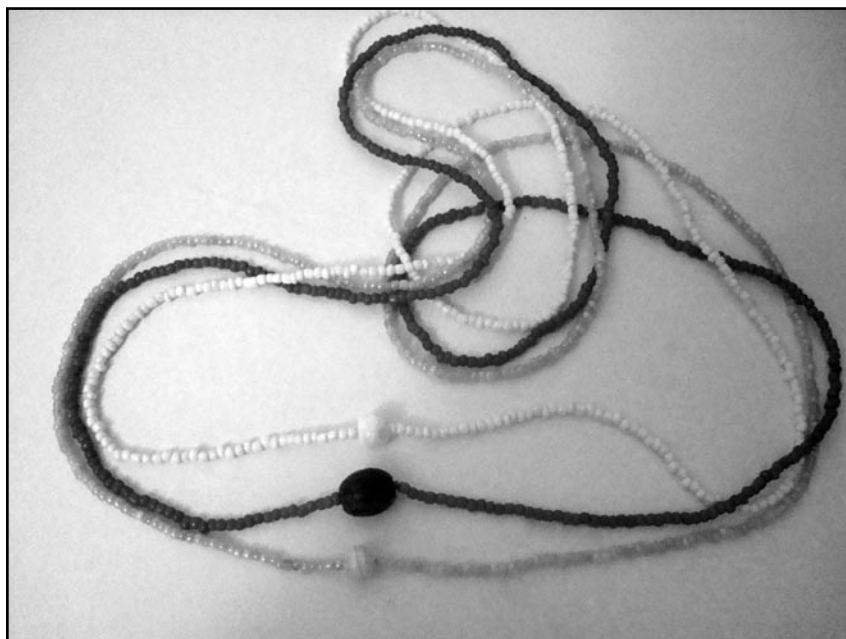


Figura 2.3.

MONTAGEM

Durante a montagem, deve-se estar em silêncio, com profundo respeito e concentração. O trabalho, nesse caso, serve ao propósito de promover a meditação e a introspecção, liberando naturalmente a energia para aquele fio. O fio deve sempre ser feito pela própria pessoa; só deve ser feito por outra em casos muito específicos e devidamente orientados e supervisionados pelos dirigentes ou responsáveis do templo. Dependendo do caso e da intenção do fio, além de tudo, deve-se manter por perto uma vela e um copo d'água durante toda a montagem, para que a energia do processo flua melhor.

Ao terminar a montagem, o fio deve ser entregue para ser cruzado ao chefe do terreiro, Mãe ou Pai de Santo ou aos Guias Espirituais da Casa, quando estiverem em terra, se for esse o caso. Não é benéfico que a pessoa feche sua própria guia, a não ser em casos específicos ou de necessidade, quando afastada de sua Casa ou sem frequentar nenhuma. Nesse caso,

para substituir tal processo, a pessoa deve fechar o fio com três nós de três torções e lavar o fio com um banho de ervas próprias, que dependerá da sua necessidade. A guia deve ser posta, depois de lavada, sobre uma toalha com o ponto da entidade ou do Orixá a que ela pertence e deve ser cruzada com pomba e ficar de molho em amaci próprio por três dias.

Ter uma guia no pescoço, sem esta estar cruzada e consagrada não representa nada, energeticamente falando.



Figura 2.4.

OS SIGNIFICADOS DOS FIOS

CORES E CONTAS DOS ORIXÁS

Exu

Contas pretas intercaladas com contas vermelhas.

Ogum

Contas azul-royal com vermelho ou verde-escuro.

Oxóssi

Contas azul-turquesa ou verde-folha.

Omolu

Contas brancas raiadas de preto ou contas marrom.

Ossaim

Contas amarelas raiadas de vermelho.

Oxum

Contas douradas ou contas de âmbar.

Iemanjá

Contas brancas intercaladas com contas azul-claro e/ou contas de cristal azul-claro, somente.

Iansã

Contas marrom ou contas de coral (vermelho-goiaba).

Ibeji

Contas de todas as cores ou azul-claro e rosa-claro.

Naná

Contas brancas raiadas de roxo ou lilás.

Xangô

Contas vermelhas intercaladas com contas brancas ou contas marrons intercaladas com contas brancas.

Oxalá

Contas branco leitoso e/ou contas de cristal branco.

CORES E CONTAS DAS ENTIDADES E GUIAS**Pretos Velhos**

Contas pretas com contas brancas, “lágrimas de Nossa Senhora”, se-
mentes, cruces, figas (arruda, guiné etc.).

Crianças

Contas rosa e contas azuis, (podem incluir diversas cores), chupetas etc.

Caboclos

Contas verdes (podem incluir outras cores), sementes, dentes, penas etc.

Boiadeiros

Contas marrons (podem incluir outras cores), olho de boi, sementes, dentes, pedaços de couro etc.

Marinheiro

Contas de cristal transparente ou leitosas, azuis, brancas.

Baianos

Contas amarelas, que podem incluir outras cores, olho de boi, sementes, dentes, pedaços de couro etc.

Exu e Pombagira

Contas pretas com contas vermelhas; ou contas pretas com contas brancas; além de instrumentos de ferro, aço etc.

Malandros

Contas vermelhas com contas brancas; além de instrumentos de ferro, aço etc.

TIPOS DE FIOS

Fio Simples

O fio simples possui apenas uma “perna”, como chamam os adeptos, isto é, um segmento de contas (que podem ser miçangas, contas de vidro, enfim, todos os materiais sobre os quais já houve uma apresentação aqui). Ele pode representar um fio de proteção simples para iniciados de qualquer idade, ou que aquela pessoa ainda não é iniciada na Umbanda, ou seja, não foi batizada nem recebeu qualquer amaci ou outro ritual correspondente.

Fio com firma

O fio com firma também possui apenas uma “perna”, isto é, um segmento de contas, entretanto, em seu fecho, ele contém uma firma, ou seja, uma conta maior, geralmente feita de vidro, que pode ser redonda (em caso de Orixá ou entidade feminina) ou alongada (em caso de Orixá ou entidade masculina). Ele representa um fio de proteção simples para iniciados de qualquer idade, e as pessoas novas de religião ou recém batizadas na Umbanda. Na Umbanda de Nação, nos rituais que se assemelham à feitura do Candomblé, também é comum que esses tipos de fios sejam feitos por aqueles que estão recolhidos para serem dados de “presente”, partilhando a energia positiva da iniciação ou do ritual, qualquer que seja ele, pelo qual a pessoa está passando.

Fio com firmas intercaladas

Essa é apenas uma variação do fio anterior. Em geral, algumas Casas usam essa versão para contar o tempo de religião que a pessoa tem, não contando mais que 21 anos. Isto é: quando o fio tem uma firma, a pessoa tem entre 1 e 3 anos; quando tem 3 firmas, de 3 a 5 anos; quando tem 5 firmas, de 5 a 7 anos; quando tem 7 firmas, de 7 a 9 anos; e assim, sucessivamente, em intervalos de números ímpares.

Fio com canutilhos intercalados

Na Umbanda, o fio de canutilhos intercalados, pode ser apenas uma versão do anterior. Em algumas nações do Candomblé, especialmente o Jêje, quando esse tipo de fio é feito de miçangas brancas com canutilho azul-claro ou de miçangas marrons com canutilhos vermelhos trata-se de uma pessoa com mais de sete anos de religião e já dita “Ialorixá” ou “Babalorixá”. Outros fios de outras cores também são usados com canutilhos e miçangas alternadas para mostrar a função de uma pessoa numa Casa, ou seja, seu cargo e seu trabalho dentro do templo, atribuído pelos guias e pelos mentores espirituais. Exemplos:

- Fio de miçanga azul-royal com canutilho branco – mostra que a pessoa é a responsável por cuidar de Ogum e por despachar coisas que não devam ficar dentro da Casa depois dos rituais por conter energias desequilibradas e negativas (banhos usados, restos de alimentos usados em ritual, partes de animais sacrificados etc.).

- Fio de miçanga vermelha com canutilho preto – mostra que a pessoa é a responsável por cuidar de Exu e por despachar todos os trabalhos que sejam relativos a eles, bem como acender suas velas etc.
- Fio de miçanga amarela com canutilho verde – mostra que a pessoa é a responsável por cuidar das folhas, isto é, cultivá-las se for o caso, conseguí-las para os rituais, prepará-las, colhê-las da maneira adequada etc.
- Fio de miçanga amarela rajada de preto com canutilho vermelho – mostra que a pessoa é a responsável por fazer a comida ritualística da Casa e a comida das pessoas que estiverem recebendo os ritos como batismo, entre outros, pois essa tem de ser uma comida especial, preparada não só com carinho, limpeza e cuidado, mas com equilíbrio.

Estes são apenas alguns exemplos.

Fios com pernas

Existem também os fios com mais de uma “perna”. Eles são mais comuns, da maneira como descreveremos, na Umbanda de Nação, pois refletem uma linguagem própria de algumas nações de Candomblé para medir o tempo de religião e mostrar o cargo que uma pessoa possui. Com exceção do frio de uma perna, que carrega apenas uma firma (masculina ou feminina, dependendo do Orixá da pessoa que aquele fio representa), todos os demais fios são feitos colocando-se uma firma, vinte e uma contas em cada perna (que pode alternar a cor e seguir a sequência pré-determinada) e mais uma firma.

Fio de uma perna

Em geral, são usados por quem teve seu batismo ou o primeiro ritual equivalente que o colocou na religião há menos de um ano. Geralmente, é o tempo em que ela está aprendendo a lidar com os próprios Orixás, com as próprias entidades e está em constante e intenso desenvolvimento para entendê-los e conseguir o pleno equilíbrio de suas energias para começar a atender com frequência e a poder passar para os níveis seguintes.

Fio de três pernas

Em geral, são usados por quem tem pelo menos um ano, mas ainda não completou três anos de quando foi realizado seu batismo ou o pri-

meiro ritual equivalente que o colocou na religião. Quando uma pessoa usa esse fio, isso significa que ela já pode realizar alguns atendimentos, em geral sob supervisão de alguém com mais tempo e mais experiência e que ela já pode cuidar de Exu, bem como participar ativamente de seus rituais, isto por que não é recomendável que pessoas muito novas dentro da religião o façam.

Fio de cinco pernas

Em geral, são usados por quem tem mais que três anos de que foi realizado seu batismo ou o primeiro ritual equivalente que o colocou na religião, mas que ainda não completou cinco anos. Quando uma pessoa usa esse fio, isso significa que ela já pode realizar alguns atendimentos sozinha, que todas as suas entidades já se manifestaram, deram seu ponto cantado, riscaram seu ponto da maneira apropriada e deram seu nome; essa pessoa também está apta a aprender sobre as ervas usadas em ritual, a maneira de colhê-las, como utilizá-las em banhos e outros preparados, ainda que sem supervisão.

Fio de sete pernas

Em geral, eles são usados por quem tem mais que cinco anos, mas ainda não completou 7 anos. A pessoa que o utiliza está numa fase de aprender os segredos de cozinhar para os Orixás e as entidades, bem como utilizar a comida de maneira ritualística, de acordo com a necessidade, sabendo que ela é sagrada e nunca deve ser desperdiçada.

Fio de nove pernas

Este tipo de fio é usado por quem tem ao menos sete anos e não menos que dezesseis anos. O intervalo da troca dos fios anteriores é bem menor do que este. Isto por que aquilo que a pessoa aprenderá neste caso é bem mais complexo que as coisas anteriores: ela lidará neste tempo com os ritos de iniciação e os rituais de cura, de equilíbrio de energias, de transporte, de mediunidade, batismo, entre outros que exigem grande experiência com todas as coisas já citadas e muita responsabilidade, além de certeza de que a Umbanda é o caminho que ela escolheu e que dela não abrirá mão, pois disto não depende mais somente a vida dela, mas a de outras pessoas também.

Fio de dezesseis pernas

Quem completa dezesseis anos usa este fio. Este é um número importante, pois remete aos elementos da natureza: quatro vezes quatro e obtém-se 16. O indivíduo que atinge esta idade, vai agora aprender a lidar com a clarividência que veio sendo desenvolvida aos poucos, com a vidência e a audiência e com os demais tipos de trabalho dentro da religião. Este é um dos graus mais difíceis de se alcançar, pois ele exige paciência, humildade e responsabilidade.

Fio de vinte e uma pernas

Este fio só é usado por quem, além de ter mais de 21 anos dentro da religião, embora aprenda um pouco a cada dia que passa, é capaz de ensinar tudo que está relativo aos estágios anteriores aos que são mais novos, além de ser um médium completamente desenvolvido e capaz de realizar qualquer dos rituais da Umbanda.

Fios de Contas de Vidro

Este tipo de fio é muito preferido pelas entidades, em geral e mais usado para elas, vez ou outra, vê-se algum fio de contas de vidro feito para Orixá, mas são raros, embora não seja errado fazê-los, habitualmente, estes são usados para as entidades, seguindo suas cores e predefinições. As contas de vidro têm, em geral, um centímetro de diâmetro e são alternadas uma a uma ou em sequência formando padrões que remetem às entidades. Elas podem ou não ser alternadas com firmas ou com outros adereços. Como são fios de entidades, em geral, eles são fechados não com firmas, mas com pingentes que remetem à entidade e a seus símbolos (estrela de 5 pontas, de 6 pontas, espada, lua, figa, cruz, tridente etc.).

Fios de Cristal

Os fios de cristal, em geral, são outra representação dos fios que remetem aos Orixás. Eles são úteis especialmente para serem usados fora dos rituais, especialmente quando se visita outra casa. Eles dizem de que Orixá você é, mostram que você passou pela iniciação, mas não dizem exatamente quanto tempo de iniciado você possui. Devem seguir os mesmos parâmetros dos demais fios.

Fios de Firmas Africanas

São muito utilizados na Umbanda de Nação, bem como no Candomblé, em geral. Contudo, é muito difícil padronizá-los e explicar seus significados já que, habitualmente, possuem uma variedade de cores, formas e tamanhos que remetem às especificidade e à variedade dos Orixás das diversas nações de Candomblé e, mesmo seus adeptos, em geral, só podem utilizá-los com mais de 7 anos de iniciados.

Fios de Sementes e Contas de Madeira

Fios de sementes e de contas de madeira nunca devem ser feitos para Orixás, mas sim para entidades, encantados e ancestrais. Esses materiais remetem ao que há de vínculo com a terra, portanto, devem ser usados para estas entidades. Seus padrões podem se assemelhar, para dizer a experiência de uma entidade ou do próprio médium, aos fios com pernas que remetem ao tempo de iniciação. Seu padrão varia de casa para casa, de culto para culto e seu fecho, em geral, é feito com pingentes e símbolos, tal qual os de contas de vidro.

Fios de Jurema e Catimbó

Os fios de Jurema ou de Catimbó são facilmente reconhecíveis, pois eles são feitos em verde, amarelo, vermelho e branco ou em variações destas cores. O mais comum é ter fios que são sequências de miçangas verdes, amarelas e vermelhas, alternadas por firmas brancas ou verdes, ou ainda, sequências de miçangas brancas e verdes, alternadas por firmas vermelhas ou verdes. Outro ponto interessante é que, além dos pingentes no fecho, elas possuem uma cabaça, pequena, presa no fecho, remetendo a um dos grandes símbolos da Jurema – Catimbó.

Uso e manuseio específicos

Os fios são objetos de uso ritual altamente pessoais, individuais e intransferíveis e, portanto, só devem ser usados pelo indivíduo por quem ou para quem aquele fio foi confeccionado.

O Pai ou Mãe de Santo ou outros membros da Casa podem ceder suas guias, se for o caso durante um momento específico, caso o mesmo encontre-se sem sua própria guia ou caso ele esteja recebendo uma nova, trocando uma antiga ou refazendo uma que se partiu.

Como já dito anteriormente, quando de posse do fio, é desejável que a pessoa não vá ingerir alimentos (no caso de fazer uma refeição, retire o fio, guarde e volte a colocá-lo depois de uma ou duas horas), a pessoa não deve ingerir bebida alcoólica, nem manter relações sexuais, ir ao banheiro ou tomar banho (que não seja de folhas). Nesses casos, basta retirar a guia ou fio, envolvê-la num pano branco ou numa sacolinha de algodão branco, guardar e voltar a usar quando tiver terminado (exceto no caso da relação sexual, no qual se deve esperar ao menos 6 horas para recolocar a guia).

O uso de algumas guias deve se restringir ao cerimonial; entretanto, outras são feitas para serem usadas no dia a dia, como proteção. Utilizar uma guia sem necessidade ou por vaidade e exibicionismo é, no mínimo, um desrespeito com a religião e consigo, pois ela personifica o que há de mais sagrado em nós.

As guias devem estar sempre limpas e guardadas no terreiro ou em algum lugar longe do alcance e visão dos curiosos. Lembre-se que elas são objetos sagrados e assim devem ser tratadas.

De tempos em tempos elas devem ser limpas com água corrente e receber uma nova energização por meio das ervas, como já foi dito.

PARTE 2

OUTRAS INFLUÊNCIAS NA UMBANDA

OUTRAS HERANÇAS ANCESTRAIS

*“Que santo é aquele
Que vem no andor
É São Benedito
Enfeitado de flor”*
Congada – Clara Nunes

LINHA DO ORIENTE

A chamada linha do oriente é uma linha genérica que abarca entidades ancestrais diversas. Nessa linha encontram-se sete falanges que abarcam os mais diversos povos, tanto alguns que já foram extintos e cujas civilizações deixaram de existir, quanto outros que têm um forte vínculo com o mundo terreno até os dias de hoje, como hindus, árabes, japoneses, chineses, mongóis, egípcios, incas, romanos, etc. Embora o espírito evolua e não fique preso a um determinado lugar, ele adquire trejeitos de caráter e cultura provenientes daqueles povos.

A manifestação dessas entidades, entretanto, dá-se por vínculo ancestral. Assim, dificilmente uma pessoa com familiares comprovadamente noruegueses, por exemplo, manifestará um espírito Inca ou um espírito de um Samurai Japonês.

Em muitas Casas, essa linha não é reconhecida, fazendo com que muitas dessas entidades acabem classificadas como Caboclos ou Pretos-Velhos. Ainda, por uma situação análoga, muitos incluem nessa linha os povos ciganos, dos quais falaremos a seguir. Ela acaba abrigando, na verdade, toda a entidade que não encontra espaço próprio na formação tradicional mais antiga do Brasil, integrada por negros, índios e europeus – essas entidades entraram na história do Brasil mais

recentemente, com os grandes processos migratórios do final do século XIX e início do século XX.

É difícil generalizar qualquer coisa que tenha vínculo com essa linha em específico, pois cada ancestral trará a riqueza de sua própria cultura para a Umbanda, seus próprios oráculos, tradições, linguajar e maneira de vestir-se e portar-se. É uma linha plural e diversificada, com muitas nuances e influências, tal qual a formação do povo brasileiro.

Mas, em geral, é uma linha na qual as entidades não trabalham com bebida alcoólica, todos os seus paramentos são baseados em metais nobres (ouro, prata e bronze) e no vidro; suas roupas são muito coloridas e muito diversificadas e mesmo a ritualística é muito diversa.

Por exemplo, pode-se dizer que uma gira de linha de oriente pode incluir instrumentos como a cítara indiana ou a harpa romana, a pedido das entidades, para ambientar e chamar aquelas energias ancestrais para o ambiente.

Justamente pelo vínculo ancestral que mantêm com seus filhos, as entidades dessa linha costumam ter grande poder de cura e de aconselhamento pessoal, reservando uma moral própria de cada povo.

A Linha do Oriente é regida por Oxalá, embora as entidades possam atuar sob as mais diversas vibrações de praticamente todos os Orixás.

Existem algumas discordâncias sobre quem seria a entidade que, espiritualmente, regeria esta linha; embora as vertentes mais próximas do catolicismo digam que ela é chefiada por João Batista, há também quem fale em reis babilônios e persas, governantes incas e rainhas como Cleópatra. A verdade é que essa linha expressa as influências que regem a necessidade de conhecimento que acompanha o homem desde seus primórdios e o guia em direção a sua evolução espiritual. Assim, podemos dividir esta linha em sete grandes falanges que acabam por demonstrar a divisão dos poderes e das energias entre cada função desempenhada e/ou região do planeta.

I – Falange das Grandes Índias – abarca as regiões da Índia, Paquistão, Mongólia, Tibet e adjacências.

II – Falange do Extremo Oriente – abarca Japoneses, Chineses e Coreanos.

III – Falange Sarracena ou Árabe – abarca os egípcios, marroquinos e povos do oriente médio.¹

IV – Falange das Américas – engloba os nativos americanos de antes do descobrimento e alguns povos com peculiaridades e particularidades que os tornaram grandiosos, como os Incas, os Maias e os Astecas.

V – Falange Nórdica – engloba os povos do norte europeu.

VI – Falange das Grandes Sacerdotisas – na qual se manifestam as entidades femininas de poder mais elevado e com maior grau de evolução espiritual. Elas são as detentoras dos grandes segredos, senhoras da vida e da morte; independente de a qual povo pertenceram, alcançaram tamanho grau de evolução que são senhoras do próprio destino. Raramente, elas se manifestam, daí o fato de que, nas Umbandas mais patriarcais, elas nem sequer são conhecidas ou, simplesmente, são jogadas em outras linhas.

VII – Falange dos Alquimistas e Grandes Magos – engloba as entidades que, por meio do estudo e do conhecimento alcançaram uma grande evolução espiritual e, por isso, auxiliam o plano físico por meio de seus profundos conhecimentos sobre o Cosmos, o funcionamento do Universo, a natureza humana e a magia mais elevada, independente de a que povo pertenciam.

ALGUNS (POUCOS) PONTOS DA LINHA DO ORIENTE

*“Ele tem coroa de ouro
Ele tem coroa de Rei
Chegou Coroa Verde
Que tem coroa também.”*

*“São João Batista vem, vem, vem minha gente
Vem chegando de Aruanda
Salve o povo cor de rosa
Salve os filhos de Umbanda*

¹ Não há casos registrados, nessa linha, contudo, de entidades que tenham se apresentando como israelitas, até porque os judeus possuem uma cultura bastante fechada e que, por si só, cultua e respeita seus ancestrais, mantendo-os sempre bem próximos de sua linhagem, das gerações futuras e de sua própria religião.

*São João Batista vem, vem, vem minha gente
Vem chegando de Aruanda
Salve fé e caridade
Salve o Povo de Umbanda.”*

*“Nossa Senhora me dê sua mão
Vem ajudar os filhos que são seus
Vem ajudar em meus trabalhos
em nome do Menino Deus.”*

*“Pedir a quem vou pedir
Pedir a quem tem para dar
Pedir a povo do Oriente forças
Para nos ajudar.”*

*“Um clarão apareceu no céu
Ai meu Deus o que será
É Zarthur chefe Indiano
Com sua falange
Vem nos ajudar.”*

*“Zartur vem de tão longe
Vem trazer aquilo que eu lhe pedi
Afirma nossas cabeças
E não deixa a nossa fé cair.”*

*“Meu pai Zartur, pela luz que Deus lhe deu
Olhai os filhos da umbanda
porque eles também são filhos seus.”*

*“Uma estrela clareou lá no céu...
Uma estrela clareou o mundo inteiro meu Pai,
uma estrela clareou esse congá
Aí vem seu Ogum lá do oriente,
Com sua espada vem levando todo mal,
E aqui estão os seus filhos da corrente meu pai
Trabalhando pelo bem deste congá.”*

*“Quem é de Deus, quem é de Deus
Não tem inimigo
Quem é de Deus, quem é de Deus
Não corre perigo
Quem é de Deus, quem é de Deus
É bem sucedido
Quem é de Deus, quem é de Deus
Por Ele é protegido
Quem é de Deus, quem é de Deus
Faz o bem sem ver a quem
Quem é de Deus, quem é de Deus
Olha pro céu e diz amém
Quem é de Deus, quem é de Deus
Agradece o pão de cada dia
Quem é de Deus, quem é de Deus
Afasta a tristeza e só traz alegria.”*

*“Deus manda, Deus manda na hora que mais se precisa
A luz para acender minha alma
A cura da dor no lampejo
Todo perdão que me salva
olhos para quando eu não vejo
Esse eu me sinto sozinho,
Ele vem em segredo e me faz passarinho,
pra que eu não mais tenha medo.”*

Ponto do Povo Hindu

(Para afastar energias negativas diversas)

*“Ori já vem,
Já vem do oriente
A benção, meu pai,
Proteção para a nossa gente.
A benção, meu pai,
Proteção para a nossa gente.”*

*“Ori, ori, ori do Oriente
Força de Zambi chegou
Lá no Oriente uma luz brilhou
E no terreiro tudo iluminou.”*

Ponto do Povo Turco

(Para afastar os inimigos pessoais ou da religião umbandista)

*“Tá fumando tanarim,
Tá tocando maracá.
Meus camaradas, ajudai-me a cantar,
Ai minha gente, flor de oriri
Ai minha gente, flor de oriri.
Em cima da pedra
Meu pai vai passear, oriri.”*

Ponto do Povo Asteca

(Para buscar a sabedoria espiritual)

*“Asteca vem, Asteca vai
Nosso povo é valente,
Tomba, tomba e não cai...
(cantar nove vezes).”*

Ponto do Povo Chinês

(Para proteção diante de situações muito graves)

*“Os caminhos estão fechados
Foi meu povo quem fechou,
Saravá Buda e Confúcio
Saravá meu Pai Xangô.
Saravá Povo Chinês,
Que trabalha direitinho,
Saravá lei de Quimbanda,
Saravá, eu fecho caminho.”*

Antigo Povo de Timbirí

*“Marinheiro, marinheiro,
olha as costas do mar...
É o japonês, é o japonês!
Olha as costas do mar.
Que vem do Oriente!
Linha do Oriente.”*

POVO CIGANO

O Povo Cigano, na Umbanda, embora muito conhecido e dos quais muitos já ouviram falar, por vezes se veem confundidos com Exus, Pombagiras e Malandros que, muitas vezes usam o nome de “cigano isto” ou “cigano aquilo”, “cigana deste ou daquele lugar”, num sentido pejorativo que tem mais a ver com o fato de serem indivíduos errantes e sem paradeiro.

A questão é que os ciganos na Umbanda são muitas vezes incompreendidos, pois eles têm todo um comportamento próprio, um linguajar peculiar e uma moral que seguem a todo custo e difícil de assimilar na nossa cultura. Muitas vezes, eles são incluídos nas linhas do Oriente, entretanto, o certo seria classificá-los dentro de uma linha própria, dotada de poder e em graus hierárquicos complexos, organizados por famílias – como são os reais ciganos – e regidos pelos quatro elementos naturais (terra, água, ar e fogo).

O povo Rom – plural Roma – (nome pelos quais eles se reconhecem enquanto povo) são chamados vulgarmente de ciganos pelos ocidentais, nome que algumas facções acabaram adotando e utilizando a partir disto.

São povos tradicionalmente nômades, originários do norte da Índia e que hoje vivem espalhados por todo o mundo, caracterizando sempre minorias étnicas nos países em que vivem. Eles acabam subdividindo-se em grupos diversos, famílias, clãs e caravanas.

Sua história baseia-se na tradição oral e, por isso, muito tardiamente é que aparecem alguns registros escritos das histórias oficiais dos povos ciganos. Soube-se que eles eram provenientes dos povos do norte da Índia apenas há 200 anos, quando antropólogos culturais da época

formularam uma hipótese nesse sentido e que acabou sendo corroborada no século XXI com intrincadas pesquisas linguísticas (que conseguiram aproximar o romani – língua tradicional falada pelos Roma – do híndi, idioma tradicional da Índia – cuja evolução pode ser facilmente reconstruída a partir do sânscrito, bem como o sistema numeral, que também reflete parcialmente os respectivos vocabulários sânscritos). Com as migrações, os Roma levaram sua língua a várias regiões da Ásia, da Europa e das Américas, modificando-a. De acordo com as influências recebidas distinguem-se dialetos asiáticos de europeus. Entre as línguas que mais influenciaram nas formas modernas do romani estão o grego, o húngaro e o espanhol e dados genéticos. Assim, conseguiram determinar que suas origens remetem-se às regiões do Punjab e do Rajastão, na região da Índia e que sua migração para a Europa e o Norte da África iniciou-se por volta do ano 1000 d.C. Antes disso, quase tudo que se sabia sobre os Roma não passava de especulação, mito e superstição, que deram-lhes má fama e fizeram com que muitos os considerassem, mediante a fé e a moral católicas, como mercadores, trambiqueiros, vadios, trupes circenses, ladrões – inclusive de crianças – entre outras coisas.

Reconhecer os ciganos como uma etnia ou pátria era difícil, e por esse motivo eles são mal compreendidos; além disso, eles não possuem uma nação que lhe seja própria, diferente de todos os outros povos, por exemplo, da Linha do Oriente, motivo adicional para que os consideremos numa linha ou falange à parte. Nômades – seu modo de vida – eles geralmente adaptam-se com facilidade aos locais em que vivem fixando suas famílias e criando suas linhagens e clãs.

A maioria dos ciganos acolhe de braços abertos pessoas de outros povos que sejam enfeitados pelo seu próprio povo, fato este que sempre causou grande aumento de sua população, bem como grande mestiçagem; dando a eles a cara do país no qual, normalmente, encontram-se.

Por serem tão facilmente adaptáveis é que normalmente integram-se com facilidade, inclusive nos aspectos religiosos e sociais de cada lugar: professam a religião local dominante ou aquela que mais lhes seja hospitaleira, da mesma forma que suas danças, músicas, narrativas e provérbios manifestam a assimilação da cultura no meio em que se radicam. Sua capacidade de assimilar músicas folclóricas permitiu que muitas fossem preservadas, principalmente as do oeste europeu.

Esse fenômeno não é diferente no Brasil e, no plano espiritual, os ciganos manifestam-se com grande vigor na Umbanda. Embora todos apresentem-se como ciganos, é interessante perceber que, em algum ponto, no plano espiritual, cada um deles está ligado a um determinado elemento natural que, em geral, rege sua atuação no plano físico:

- Ciganos do Ar – trabalham com o equilíbrio, as emoções e as necessidades espirituais de cada indivíduo.
- Ciganos da Terra – são mais ligados ao comércio, ajudam a resolver problemas de trabalho, problemas com justiça ou mesmo relacionados à família.
- Ciganos do Fogo – regem assuntos que estão relacionados aos conflitos, paixões e desejos.
- Ciganos das Águas – regem o amor, a fertilidade, os sentimentos e as benesses do espírito.

A maioria dos Roma fala algum dialeto do romani, por vezes com sotaque do dialeto de sua etnia de origem e, daí, podemos verificar que os ciganos que se manifestam na Umbanda são, em geral, das seguintes etnias, consideradas grandes famílias ou clãs ciganos dentro da Umbanda:

- Ciganos Árabes (do Norte da África, do Egito e do Oriente Médio).
- Ciganos Ibéricos (em especial provenientes da Espanha e de Portugal).
- Família Real Cigana (vinda do extremo Oriente, das Índias, extremamente raros).
- Ciganos do Leste Europeu (com vínculos na Romênia e em outros países).
- Ciganos Latinos (típicos dos povos que aqui se fixaram com a colonização, são Ciganos com uma evolução espiritual menor, porém mais próximos da realidade brasileira e nem sempre tão presos à moral e às tradições ciganas; têm forte vínculo com os Exus e Pombagiras ciganas, isso quando não estão no mesmo nível de evolução).
- Ciganos Expurgos (Ciganos não reconhecidos como tais ou que foram tardiamente adotados por famílias ciganas, tendo Casado ou, ainda, abdicado de sua condição enquanto ciganos e rejeitado suas tradições).

A moral dos espíritos ciganos é muito mais dada à praticidade do que aos mitos, lendas, credices ou hipocrisia. Um exemplo é que muitas vezes eles aconselham exatamente como fariam se estivessem vivos; então, quando uma pessoa pergunta a um cigano sobre Casamento, ela deve entender que seu conselho virá no sentido de que eles tendem a induzir a escolha ao do próprio grupo ou subgrupo étnico da pessoa; assim, conservam-se as tradições e notáveis vantagens econômicas são obtidas. Para a cultura deles, é possível a um rom Casar-se com uma gadjí, isto é, uma mulher não rom, a qual deverá, porém, submeter-se às regras e às tradições rom, e eles acabam transportando isso para os demais aspectos da vida.

Aos filhos de entidades ciganas é dada uma grande liberdade, pois eles entendem que a liberdade é consequência da responsabilidade: a pessoa só consegue mantê-la se for responsável por seus atos, mesmo porque a base de suas crenças é a liberdade.

Na Umbanda, seus símbolos – o sol, a lua e as estrelas – são usualmente unidos numa bandeira multicolor. Há outros símbolos que representam aquilo que o cigano tem de valioso.

Toda família cigana é grande, numerosa e chamada de *kumpania*; são unidas por laços espirituais e vontade, e não por laços de sangue, necessariamente; embora, em geral, numa *kumpania*, todos pertençam ao mesmo grupo cigano.

Geralmente, o cigano nômade é individualista e não suporta a ideia de autoridade, rei ou governante – uma forma de anarquia e contestação da autoridade própria desses povos. Nem por isso eles deixam de respeitar e acatar os mais velhos – não porque eles sejam uma autoridade, mas por que eles têm poder para contar o que a vida lhes deu em termos de conhecimento e experiência. É sempre aos mais velhos que se recorre para dirimir eventuais divergências. Eles são ouvidos, mas nunca decidem sozinhos: cada decisão compete somente ao indivíduo que deve tomá-las. Essa é a responsabilidade do cigano.

Por isso mesmo que entre os ciganos ouve-se falar muito de *Kris* no plano espiritual: é uma espécie de conselho ou tribunal, ao que são levados os casos mais complicados para serem avaliados e aconselhados. Os espíritos dos mais velhos que não incorporam, mas aconselham, ajudam e visam o equilíbrio do plano físico. São os antepassados que sussurram

em nossos ouvidos. Os espíritos dos ciganos mais jovens vêm à Terra e fazem a ponte entre o mundo físico e o espiritual.

No mesmo mundo espiritual em que habitam os mais velhos, também existe uma infinidade de entidades e presenças que se manifestam, sobretudo, durante a noite; espíritos tanto do Caos quanto da Ordem, que mantêm um tênue equilíbrio no mundo. A compreensão do povo cigano alcança as energias que nós desconhecemos e que habitam nas sombras dos deuses. Eles transitam no mundo do dia e no mundo da noite e o fogo é sua maior proteção. O Poder dos Ciganos não está em buscar desesperadamente a Luz, mas em saber manter-se no equilíbrio do bem e do mal, o que lhes dá conhecimento, sabedoria e, portanto, poder.

Santa Sarah Kali é sua santa protetora – ela carrega em seu próprio nome menção à Deusa da Morte e da Destruição Hindu, mas traz o manto branco da paz e cobre-se com o pano do mais puro azul-celeste, tudo por que a morte e a destruição são sempre preâmbulos do recomeço, da reconstrução de tudo quanto deve ser renovado.

73 PONTOS DO POVO CIGANO

(com orações e ponto de subida, descida e oração de Santa Sara Kali)

Ôptcha!

(Segue-se a Saudação aos Elementos Naturais)

Salve o Sol!

Salve a Lua!

Salve o fogo!

Salve os ventos!

Salve os caminhos abertos!

Salve as pradarias!

Salve as campinas!

Salve as estrelas!

*

Oração a Santa Sara Kali – protetora dos ciganos

(Dia de Santa Sara Kali: 24 de maio)

*Salve Sara, protetora dos ciganos
Estamos aqui para lhe pedir
Vem abrir nossos caminhos
Mostre-nos uma luz para prosseguir
Tanta luz iluminando
As cores do arco-íris
É santa Sara que está chegando
Para abençoar o povo cigano
A nossa luta é constante
Para defender a liberdade
Minha santa nos ajude
A merecer esta felicidade
Santa Sara iluminaí nossos caminhos
A nossa fé, ajude-nos a construir
Leve esta prece, com os nossos destinos
Para um mundo melhor que há de vir.*

*

Reconhecimento cigano

*Cigano, nosso pranto é de alegria
Felicidade é sentir-se livre
De caminhar por esses campos
E sentir a emoção dominar o coração
Nossa gente vai semear
E nesta terra deixar raiz
Nosso amor irá brotar
No coração deste país
Estes campos estão floridos
Com o luar é mais bonito
Lindo sol vai aquecer*

*Ao chegar o amanhecer
Liberdade vamos crescer
Nesta terra tão querida
Encontramos acolhida
Lutaremos até vencer
Ciganos, um abraço de união
Vamos todos dar as mãos
Finalmente reconhecidos
Nesta terra como irmãos
Liberdade vamos crescer.*

*

Ponto de chamada

*Cigano entra na roda
Pra salvar filhos de fé
Quem vem de lá
Quem vem de cá
São os Ciganos que vêm trabalhar*

*De longe eu vim
Caminhei sete pedreiras
Passei por cachoeiras
Onde mora Aieiê
Lá na campina onde a lua está prateada
Sou Cigano na alvorada
Sou Cigano, eu sou mais eu*

*Cigano, tem a força da lua
De noite faz farra de dia ainda anda na rua
Andar, andar, andar,
Vendendo ilusões para algazu comprar
Porque Cigano tem a força da lua*

*Se você pediu, não devias prometer
Se você prometeu, você tem que pagar
Se você não pagar, jamais vai andar.*

*

Cigana Cartomante

*Eu vi, um acampamento eu vi, na beira da estrada eu vi
Como era lindo
É que não era Soraia, não é
Não era Sayonara, não é
Era a cigana da sorte lendo a sorte de quem quer.*

*

Cigana do pandeiro

*Oi Cigana, vai buscar o meu amor que foi embora
A (...) (usar nomes de Ciganas) vai, a (...) vem, a (...) balança e o pandeiro
não cai.
(Nomes de Ciganas: Madalena, Celoí, Esmeralda, Sayonara, Paloma, Sa-
mara, Sarita, Tainara, Zaira, Najara, Soraia etc.)*

*

Ciganas

*Eu vinha pela praça, eu vinha trabalhando
Eu vi uma cigana e ela 'tava trabalhando
É que não era Soraia, não era Sayonara (bis)
Era a (...) e ela 'tava trabalhando.*

*

Subida

*Chegou, chegou a hora,
Adeus meu Povo
que a Cigana vai embora
Levanta o acampamento,
e leva pro lado de lá,
oi ela é uma cigana do oriente,
a Sayonara,
Vai embora e vai voltar...
foi, foi, foi, foi,
foi que já é hora,
levanta o acampamento,
que a Cigana vai embora!!*

*

Outros pontos

*Quem nunca ouviu dizer?
Quem nesse mundo nunca ouviu falar?*

*De uma Cigana que mora naquela estrada,
Ela tem sua morada sob o sol e o luar*

*Cigana Sayonara, Cigana poderosa,
Dê-me proteção e a chance, caminha formosa.*

*

Pontos

*Ela é uma Cigana faceira,
Ela é
Ela é das sete linhas
e não é do Candomblé*

*Ela vem de muito longe
os seus filhos ajudar
Ela vem de muito longe
E só molha esse conga.*

*

Ponto de irradiação

*Cigano bate o pé, Cigano bate o pé
Cigano entra na roda
Pra salvar filhos de fé
Quem vem de lá
Quem vem de cá
São Ciganos que vem bailar*

*Pisa firme Cigano
Quero ver o seu dançar
Pois na roda de Cigano
Ninguém pode balançar*

*Pisa firme Cigano
Quero ver o seu dançar
Pois na roda de Cigano
Ninguém pode balançar.*

*

Ponto de demanda

*Por todos os caminhos
Que pisaram os meus pés
Por todas as estradas
Que pisaram os meus pés
Sou Cigano Rodrigo
Guerreiro de todas armadas*

*Com a força do sol e o brilho do luar
Cigano é guerreiro, Cigano vai lutar*

*Povo Cigano faz sentir sua energia
Com sua magia e alegria de cantar
Com a força do sol e da lua
Eles sabem trabalhar
Povo Cigano sabe o segredo
Pra ninguém nos derrubar.*

*

Ponto de subida

*Se precisar de mim
É só mandar chamar
Os Ciganos vão embora
Mas logo irão voltar.*

*

Cigana Bia

*Cigana, Cigana eu sou
Sou Bia, do bem e do amor (bis)*

*Com a luz na estrela guia
Ela faz sua magia.*

*

Cigana Carmencita Da Campina

*É das campinas que ela vem pra trabalhar
É a Cigana Carmem*

*Carmencita das campinas
Com a força da lua, do fogo e do sol
Ela vem pra trabalhar
É a Cigana Carmem
Carmencita das campinas*

*

Cigana Carmem do Oriente

*A estrela da cigana Carmem
Que lá do oriente brilha sem parar
Essa estrela ela traz em seu peito
E toda a Umbanda ela vem clarear
Clareia, estrela formosa
Da Cigana Carmem que é astro seu
E como uma estrela do oriente
Ilumina os caminhos que Cigana acolheu.*

*

Cigana Clarita

*Clarita Cigana da roda
Cigana faceira
Vem me ajudar
Com seu encanto
Tocando pandeiro
Trazendo amor e a paz*

*Ela é bonita
Ela é da Gira
Girando, girando
Vem ajudar (bis).*

*

Cigana do sereno

*Cigana, Cigana vem
Cigana vem trabalhar
Ela é a Cigana do Sereno
Que vem para seus filhos ajudar
Ela é bonita
Ela é faceira
Gosta de brincos
Colar, muitas pulseiras
Cabelos longos
Pele morena
Até a lua
Admira sua beleza.*

*

Cigana dos ventos

*O vento vai trazer uma cigana
Que as flores da campina vão vergar
São uma, são duas, são três flores
De onde seu perfume vai tirar
Quando cheguei à aldeia
Senti um aroma de rosas
Havia uma Cigana formosa
Qual Cigana eu encontrei
Levanta a saia oh! Cigana
Não deixe a saia arrastar
A saia custa dinheiro
Dinheiro custa a ganhar.*

*

Cigana Juanita

*Ela dança pra lua
E também pras estrelas
Trabalha na campina
É Cigana faceira
É Cigana bonita*

*Vem na lei da umbanda
Ela é Juanita
Saravá sua banda (bis).*

*

Cigana Luana

*Dança, dança, dança
Da lua ao sol
Do sol a lua
Lua cheia
Pensam que cansa
Mas a flor da
Cigana Luana
Traz a todos a bonança
Luana, Luana, Luana
Abençoe a todos aqui
Luana, Luana, Luana.*

*

Cigana Madalena

*Era uma noite de lua
Uma estrela incandescente apareceu*

*Seu brilho forte
Povo cigano enxergou e logo compreendeu
Era a cigana esperança
A Cigana criança
Que chegava
Para ajudar aos filhos seus
Madalena... Madalena.*

*

Cigana Mama Rosa

*Vem chegando a rosa no terreiro
A rosa do canteiro
Não tem a sua luz
Vem trazendo a cor do seu povo
Amarelo e o roxo,
É o vermelho e o azul*

*E azul é o céu do cigano
Mama Rosa chegando
Me dá sua mão (bis)*

*

Cigana Rosa

*Numa noite de lua
Uma linda Cigana
Passeava na rua
E sorria ao luar
Ela era formosa
Era dona da rosa
Uma linda Cigana
Vem o mal desmanchar.*

*

Cigana Rosalina

*Em uma grande campina
Numa noite de lua
Sentada junto ao fogo
Está a Cigana Rosalina
Com a força da lua
Com a força do fogo
Cigana Rosalina
Estende sua ajuda
Cigana Rosalina
Rosalina de sevilha
Cigana da campina
Cigana rosa, Rosalina.*

*

Cigana Rosita

*Rosita é uma moça bonita
Que usa vestido de chita
E vem para Gira
Colar, brinco e pulseira
Pra todos agradar
É a Cigana Rosita
Que vem pra trabalhar.*

*

Cigana Saluma

*Saluma, jovem ciganinha
Longos cabelos, lindas trancinhas*

*A sua dança traz a magia
Com muito encanto
E grande euforia (bis)*

*Saluma, jovem ciganinha
Traz pra você a paz
E muita alegria.*

*

Cigana Sezanita

*Ao som de um violino cigano
A cigana Sezanita chegou (bis)*

*Dançando uma linda melodia
Que um cigano apaixonado lhe ofertou (bis)*

*Não sei se era noite
Ou se era dia
Só sei que era bela a melodia (bis).*

*

Cigana Silvana

*Da campina vem Silvana
Pois foram me chamar
Com a força da lua, do fogo e do sol
Seguindo as estrelas ela vem pra trabalhar
Com sua energia ela agora está aqui
Salve Silvana que chegou pra trabalhar.*

*

Cigana Soléa

*De las cuevas de granada
Con el fuego de su raza..*

*Viene por los olivares
Hilando rayos de plata
Trae la magia de la luna
Y en sus dedos filigranas
La gitana Soleá danzando
Toda la tribu cantando
Gitana... Gitana
Va cortando maleficios
En su chal está el secreto
Caracolas en su pecho
Y en sus manos sortilegios
La gitana Soleá danzando
Toda la tribu cantando
Gitana... Gitana.*

*

Cigana Soraia

*Soraia você é Cigana linda
Aonde está que você não veio ainda?
Mas ela vem no balanço do mar
Vem das calungas, ela vem beirando o mar.*

*

Cigano Juan

*Juan fala de amor
Com violão a tocar
Ele é Cigano Juan
Aqui ou em qualquer lugar*

*

Cigano Pablo

*Longo foi o meu caminho
Andei nesse mundo, andei
Sou um andarilho
Sou Cigano, hoje eu sei
Sei que ao caminhar
Cumpro minha missão
Dou o meu axé
A quem me estender a mão
Todos me chamam
Pablo Cigano.*

*

Cigano Pablo da Estrada

*Corre Gira o Cigano
Pela estrada sem parar
Seu destino é de andarilho
Mas amor tem pra dar
No perfume da firmeza
No pó da tranquilidade
Pablo Cigano nos dá
Paz e felicidade.*

*

Cigano Ramón

*Na Gira dos Ciganos
Ramón vem trabalhar
Ao brilhar a lua
Ele vem cantar
Na Gira dos Ciganos*

*Ramón vem trabalhar
Na força do fogo
Gira mundo sem parar
Na Gira dos Ciganos
Ramon vem trabalhar*

*

*Cigano, amigo da lua
De noite faz farrá, de dia anda na rua
Andar, andar, andar,
Vendendo ilusões para algazu comprar
Porque cigano tem a força da lua
Se você podia, não devias prometer
Se você prometeu, você tem que pagar
Se você não pagar, jamais vai andar.*

*

*Cigano bate o pé, cigano bate o pé
Cigano entra na roda
Pra salvar filhos de fé
Quem vem de lá
Quem vem de cá
São ciganos que vem bailar.*

*

*Cigano, tu tens a força da lua
Tu vens aqui na rua
Cantar a tua paixão
Cigano, teus olhos são fascinantes
Arreda todo o mal
Que causa tanto desalento.*

*

*Deu meia-noite o sereno cai
Cai, cai, o sereno cai
Sereno de Cigano
Cai, cai, o sereno cai.*

*

*Linda rosa no jardim amanheceu
Minha mãe está chamando e lá vou eu
Eu sou Cigano, eu sou Cigano na aldeia
Eu sou Cigano e Cigano não bambeia.*

*

*Numa noite de luar
Estão os Ciganos a cantar
Numa noite de luar
Estão os Ciganos a bailar
Se queres fazer um pedido
Ou fazer uma oferenda
Para o povo cigano
Tem que ser numa noite de luar
Numa noite de luar
Estão os Ciganos a cantar
Numa noite de luar
Estão os Ciganos a bailar
Os Ciganos gostam de viver
Uma vida sempre a caminhar
No sereno está o seu prazer
De cantar numa noite de luar
Numa noite de luar
Estão os Ciganos a cantar
Numa noite de luar
Estão os Ciganos a bailar.*

*

*Pisa firme Cigano
Quero ver o seu dançar
Pois na roda de Cigano
Ninguém pode balançar.*

*

*Cigana que vem dançando
Que vem dançando
Sua dança de terreiro
Com sua saia rodada
Sua bota prateada
Pra acabar com feiticeiro.*

*

*Ela é uma Cigana faceira, ela é
Ela é das sete linhas
E não é do Candomblé
Ela vem de muito longe
Os seus filhos ajudar
Ela vem de muito longe
Saravar neste conga.*

*

*Eu bem que avisei
Pra você não jogar esta cartada comigo
Você apostou no valete
E eu apostei na dama
Amigo, você não me engana
Essa linda Cigana vem
Trabalhar na Umbanda.*

*

*Ganhei uma barraca velha
Foi a Cigana quem me deu
O que é meu é da Cigana
O que é dela não é meu
A Cigana é quem me ajuda
Cá na terra onde estou
Veja como eu estou.*

*

*Lenita é uma moça bonita!
De saia rodada ela gosta muito
De água borbulhante.*

*

*Vinha caminhando a pé, a pé
Para ver se encontrava
Uma linda Cigana de fé
Ela parou e leu minha mão, leu minha mão
E disse toda a verdade
Mas eu só queria saber onde estava
Aquela linda Cigana de fé.*

*

*Povo cigano faz sentir sua energia
Com sua magia e alegria de cantar
Com a força do sol e da lua
Eles sabem trabalhar
Povo cigano sabe o segredo
Pra ninguém nos derrubar.*

*

*De longe eu vim
Caminhei sete pedreiras
Passei por cachoeiras
Onde mora aieiê
Lá na campina onde a lua está prateada
Sou Cigano na alvorada
Sou Cigano, eu sou mais eu.*

*

*Hoje é noite de lua cheia
Povo cigano vem aí
Vem trazendo seus mistérios
Povo igual, eu nunca vi.*

*

*Quando zambi andou no mundo
Seu Cigano segura seu reinado
Olha o espinho da roseira
Cigano não deixa seu filho cair
Olha o espinho da roseira
Cigano não deixa seu filho cair
Todos os Ciganos são assim
Giram o mundo sem parar
Gostam de dançar sob o luar
De frente ao fogo a bailar
De frente ao fogo a cantar*

*

*Ouçam quem está chegando (palmas)
São os Ciganos que estão cantando (palmas)*

*Vamos todos cantar
Vamos todos bailar (bis)
Com os ciganos
Trabalhar (palmas).*

*

*Acampamento do povo cigano
Tem alegria, brilho e liberdade
Tem pedraria, tem pradaria
Povo unido que vive em liberdade
Todos os brilhos do povo cigano
Ele ganhou em sua caminhada
Brilho de sol, brilho de lua
Brilho de zambi que iluminou sua jornada.*

*

*Oi lua ê, oi lua ê, oi lua
É lua cheia
O povo cigano vem trabalhar.*

*

*Se meu pai é o rei
O meu pai é Oxalá
Sou o Cigano de pemba
Filho da estrela-do-mar.*

*

*A fogueira a faiscar
Vamos todos acelerar
A magia é contagiante
Sua presença é constante
Nesta noite de luar
Dançaremos até o raiar*

*A madrugada está chegando
A fogueira se apagando
A festa já vai terminar
Agora só resta sonhar.*

*

*Meu gangá não me engana
Meu gangá me falou
Esta moça é Cigana*

Atotô quem mandou (bis)

*Santo Antonio entrou na dança
Dança de omolocô
Deu a mão a uma criança
Que era filha de Xangô
No pandeiro fez magia
Pra Cigana ler o céu
Toda pérola é guia
No anel de São Miguel
Mas, meu gangá não me engana*

*

*Caminhava só e triste no cruzeiro.
E uma moça de vermelho.
De repente apareceu.*

*Com sete rosas.
Sua cabeça coroada.
Com sua saia rodada.
Que bailando não se vê.*

*Muito bonita.
Que cigana mais charmosa.*

*Quando chega a noite aflora.
Com o perfume do viver.*

*Mas ela é Rosa Vermelha.
Ela é uma linda flor.
Ela é uma Rosa cheia de Amor (bis)*

*Bonita Rosa da encruzilhada.
Bonita Rosa que vem chegando de madrugada.
Bonita, bonita Rosa da encruzilhada.
Bonita Rosa que vem chegando de madrugada.*

*

*Queria vir pelo céu
Pousar em ti feito abelha
Só pra provar o teu mel
Hummm...
Rosa vermelha*

*Cigana do acampamento
Que flor é esta na orelha?
Parece a rosa dos ventos*

*Hummm...
Rosa vermelha*

*Rosa vermelha, yaô
Flor encantada
Toda mulher é uma flor
Enfeitiçada*

*A minha Casa se encanta
Tem flor caindo da telha
É passarinho que planta
Rosa vermelha*

*Minha viola de fita
Também tem flor na cravelha
Pra dar pra moça bonita
Rosa vermelha*

*Rosa vermelha yaô
Flor encantada
Toda mulher é uma flor
Enfeitiçada*

*A rosa olhada, distante
A um coração se assemelha
pois ela é a flor dos amantes
Rosa vermelha*

*Sinal de um regime novo
Pintada ao peito ela espelha
Pois ela é rosa do povo
Rosa vermelha.*

*

*Rosa Vermelha é madeira.
Que não dá cupim.
Oh! Ciganinha madeira.
Que não dá cupim.*

*Quando ela passa na encruzilhada.
Da gargalhada e olha pra mim!*

*

*Procurei sim!
Dias e noites sem fim.
Procurei Rosa Vermelha e encontrei nesse jardim (bis).*

*Procurei por uma Rosa.
A mais bela e formosa.
E encontrei Rosa Vermelha.
DIVINA e MARAVILHOSA.*

*Num jardim de lindas flores.
Encontrei linda mulher.
Rosa Vermelha Encantada.
Linda Rosa ela é!*

*

*Ela é uma Cigana faceira, ela é
Ela é das sete linhas
E não é do Candomblé
Ela vem de muito longe
Os seus filhos ajudar
Ela vem de muito longe
Saravar neste conga.*

*

*Hoje é noite de lua cheia
Povo cigano vem aí
Vem trazendo seus mistérios
Povo igual eu nunca vi.*

*

*Pelos caminhos ele irradia
Toda magia do seu cristal*

*Galopando, galopando
Galopando na linha do vento*

*Esse Cigano, chefe de aldeia
Os corações ele incendeia*

*Esse Cigano sua energia
Transcende a vida nos traz a paz*

*Galopando, galopando
Galopando na linha do vento.*

*

*De onde eu vim
Caminhei sete pedreiras
Passei por cachoeiras*

*Onde mora ai-ei-ê
Onde mora ai-ei-ê*

*Lá na campina onde a lua é prateada
Sou Cigano na alvorada
Sou Ramirez, eu sou mais eu
Sou Ramirez, eu sou mais eu.*

*

*Corre Gira o Cigano
Pela estrada sem parar
Seu destino é de andarilho
Mas amor tem pra dar
No perfume da firmeza
No pó da tranquilidade
Pablo Cigano nos dá
Paz e Felicidade.*

*

*Longo foi o meu caminho
Andei por esse mundo, andei
Sou um andarilho
Sou Cigano*

*Hoje eu sei
Sei que ao caminhar
Cumpro minha missão
Dou Axé a quem estender a mão
Todos me chamam Pablo Cigano.*

*

*Estrada de Luz
Amores Ciganos
Mistério e Magia*

Nas marcas do tempo

*Cigano Ramón
Ele vem cantado
Com o brilho da Luz*

Ele vem trabalhar

*Com a Força do Fogo
Com a Força do Vento
Ele é Ouro e Prata*

Ele vem ajudar.

*

*Hoje é noite de lua cheia
Povo cigano vem aí
Vem trazendo seus mistérios
Povo igual eu nunca vi
Juan fala de amor
Com violão a tocar
Ele é Cigano Juan
Aqui ou em qualquer lugar.*

*

*Quando Zambi andou no mundo
Seu Cigano segura seu reinado
Olha o espinho da roseira
Cigano não deixa seu filho cair
Olha o espinho da roseira
Cigano não deixa seu filho cair.*

*

*Ela é uma Cigana faceira ela é.
Ela é das sete linhas e não é de Candomblé.
Ela vem de muito longe os seus filhos ajudar
Ela vem de muito longe saravá esse congá.*

*

*Ganhei uma barraca velha,
Foi a Cigana quem me deu.
O que é meu é da Cigana,
O que é dela não é meu.*

JUREMA & CATIMBÓ

Jurema e Catimbó são cultos de cunho mágico-religioso provenientes do nordeste brasileiro, que se originaram da fusão entre os ritos católicos europeus – especialmente do catolicismo popular – com a pajelança indígena, embora em algumas regiões haja também alguma influência negra.

De maneira sucinta, não podemos dizer que o catimbó é uma religião, mas sim uma manifestação doutrinário-religiosa de cunho popular, que extrai seus dogmas e liturgia de suas ordens fundadoras. Nas sessões em que se realizam as atividades dos Catimbozeiros, os cultos alternam-se entre as entidades ancestrais que se acercam da árvore da Jurema, dos Santos católicos, da Virgem Maria e de Jesus Cristo.

Nessas atividades é que fica mais evidente o papel da jurema [*sp. mimosa hostilis*], uma árvore nativa do agreste e do sertão nordestinos. A bebida fabricada a partir de suas cascas é um psicotrópico que induz ao transe e causa um estado de sonolência e é usada para trazer revelações e libertar o espírito dos ancestrais nos indivíduos, permitindo, por exemplo, o trabalho dos Mestres Juremeiros. Na Jurema, eles bebem o vinho da jurema, cuja receita é conhecida apenas pelos sacerdotes com graus mais elevados dentro do culto, mas que consiste em uma variedade de ervas que é acrescida à jurema misturada, geralmente, com vinho tinto ou branco, dependendo da intenção.

A realização conjunta dos toques, das cantigas, da jurema e da consecução dos rituais induz o Juremeiro ao transe. Apenas um dos elementos isolados não é capaz de realizar tal ato. Os Mestres que se manifestam neste momento são seres encantados² que habitam o Juremá.

O nome Catimbó é proveniente do tupi antigo e sua etimologia remete aos mais diversos significados. Contudo, sabe-se – graças à sempre presente prática da Magia no Catimbó – que, em certos lugares, o termo é pejorativo e usado no mesmo sentido de “feiticeiro” ou “mandingueiro”.

Já o Juremeiro, normalmente, também é devoto dos Orixás africanos. Essa fusão entre as crenças deu origem a uma nação de candomblé conhecida como Xambá, típica de Alagoas, Pernambuco e Paraíba.

Falemos então do Culto da Jurema, que remonta a tempos imemoriais, especialmente no que hoje compete à região do litoral brasileiro no nordeste. Diversas tribos indígenas presentes neste espaço reverenciavam a Jurema por suas propriedades, inserindo-a em diversos ritos que exigiam o transe para comunicar-se com os deuses ou os espíritos. Nesse sentido podemos falar, também, rapidamente do Toré, que é uma forma específica de culto à Jurema como árvore dos ancestrais, ainda praticada pelos descendentes diretos dos índios daquela região e no culto aos Encantados.

² Ser um Encantado significa ter transposto a morte de maneira que ela foi um rito de passagem que não desprende totalmente o espírito da terra e ele ficou sendo um elo entre os dois mundos, o dos vivos e o dos mortos.

Essas manifestações, entretanto, acabaram severamente reduzidas por conta do contato com o europeu, de forma que a tradição da Jurema sagrada teve de ser adaptada aos preceitos católicos, devido à forte repressão colonial aos cultos considerados pagãos. Assim, o vasto panteão aborígene foi gradualmente suprimido, sendo adotadas, nos rituais da população cabocla, as mesmas deidades do catolicismo tradicional. O culto aos antepassados, porém, por sua grande influência, foi mantido e, ademais, adaptado à realidade dos Mestres da Jurema.

Tanto a Jurema quanto o Catimbó são religiões Xamânicas, isto é, são considerados cultos de transe e possessão, nos quais as entidades, conhecidas como Mestres, incorporam o corpo do Catimbozeiro e, momentaneamente, tomam controle do funcionamento básico do organismo.

Entretanto, diferentemente do que ocorre na Umbanda Tradicional, na qual os espíritos organizam-se em direita e esquerda conforme a natureza positiva ou negativa que possuem (raramente assumindo a neutralidade ou o equilíbrio), os Mestres são relativamente neutros, podendo operar tanto boas quanto más ações. Esses Mestres estão ligados à terra, já que em vida foram curandeiros e figuras ilustres do Catimbó: quando vivos realizaram inúmeros atos de caridade por intermédio do uso de ervas e de suas propriedades e poderes xamânicos de modo que, com sua morte, teriam sido transportados a uma das Cidades Sagradas do Juremá, localizada nas imediações de uma árvore da Jurema plantada pelos ancestrais.

Abaixo dos Mestres Juremeiros, encontram-se as entidades conhecidas como Caboclos da Jurema, espíritos ancestrais que representam os pajés e guerreiros indígenas falecidos, envidados ao Mundo Encantado para auxiliar os Mestres na realização de suas obras. Os Caboclos são sempre invocados no início do culto, antes mesmo da incorporação dos Mestres.

A estrutura do mundo espiritual da Jurema é semelhante ao do catolicismo, com céu, inferno e purgatório; a única diferença é a existência do Juremá, o mundo espiritual à parte de tudo isso, no qual habitam os mestres Juremeiros e seus subordinados com suas missões. O Juremá é composto por uma profusão de aldeias, cidades e estados, com uma rígida organização hierárquica, envolvendo todas as entidades Catimbozeiras, tais como os Caboclos da Jurema e Encantados, sob o comando de um ou até três Mestres. Cada aldeia tem três Mestres. Doze aldeias fazem um Estado com 36 Mestres. No Estado há cidades, serras, florestas,

rios. Ao todo são sete Estados: Vajucá, Tigre, Cadindé, Urubá, Juremal, Fundo do Mar e Josafá.

Essas manifestações que variam entre Catimbó e Jurema, acabam ramificando-se em quatro manifestações principais. Essas subdivisões do culto especificam, em cada caso, o espaço destinado a incorporação dos Mestres e Caboclos Juremeiros, além dos ritos complementares à ingestão do vinho que conduz ao estado de transe. Existe a Jurema de chão, a Jurema de Mesa e a Jurema de Terreiro.

Suas origens são muito análogas às da Umbanda, por conta da mestiçagem daquelas que são as raízes do Brasil tal qual conhecemos. Depois da chegada dos africanos em nosso país, quando estes fugiam dos engenhos onde estavam escravizados – especialmente no Nordeste –, encontravam abrigo nas aldeias indígenas e, por meio desse contato, os africanos trocavam o que tinham de conhecimento religioso em comum com os índios. Por isso, até hoje, os grandes mestres juremeiros conhecidos, são sempre mestiços com sangue índio e negro. Os africanos contribuíram com o seu conhecimento sobre o culto dos mortos egun e das divindades da natureza, os Orixás *voduns* e *inkices*. Os índios contribuíram com o conhecimento de invocações dos espíritos de antigos pajés e dos trabalhos realizados com os Encantados das matas e dos rios. Por isso, a Jurema é composta por duas grandes linhas de trabalho: a linha dos Mestres de Jurema e a linha dos Encantados.

CANTOS DE JUREMA

*Jurema Sagrada!
Na Jurema eu nasci,
Na Jurema eu me criei,
Na Flor do meu Juremá!
Ô Jurema!*

*

Abertura de Jurema de mesa

*Bate asa e canta o galo
dizendo Cristo nasceu*

*cantam os anjos nas alturas
Rei nuíno
Gloriá no céu se deu.*

*Gloriá no céu se deu
abre a mesa e da licença
Santa Tereza
para os mestres trabalhar.*

*Oh minha Santa Tereza
pelo amor de meu Jesus
abre a mesa e de licença
Santa Tereza
pelo irmão João da Cruz*

*Por Deus eu te chamo
por Deus eu mandei chamar
(diga o nome do Mestre) da Jurema
para vir trabalhar.*

*

Abertura II

*Setenta anos
Passei dentro da Jurema*

*Discípulo não tenha pena
de quem algum dia lhe fez mal.*

*Quando eu me zango
toco fogo em um rochedo
meu cachimbo é um segredo
que eu vou mandar pra lá.*

*

Abertura III

*Eu andei, eu andei, eu andei
Eu andei, eu andei, vou andar*

*Sete anos eu passei foi em terra
outros sete eu passei foi no mar*

*O Jurema preta senhora rainha
abra a cidade mas a chave é minha.*

*O tupirã nauê o tupirã nauá
sou filho da Jurema
e venho trabalhar*

*

Estas são as cantigas mais importantes e fortes do Catimbó. É com elas que abrem os trabalhos e prepara a roda para a vinda dos mestres.

Abertura IV

*A Jurema tem
a Jurema dá
mestre bom para trabalhar.*

*Um trago que eu dei
meu ponto firmei
Sete cachimbos acendi de um vez.*

*Eu já mandei buscar
vai fumaça para onde eu mandar*

*Minha pisada é uma só
é na base do Catimbó.*

*

Aroeira

*Aroeira é mestre
é bom mestre
aroeira é mestre curador.*

Junqueira

*É o mestre Junqueira
da lagoa do jucá.*

*Juntando eu venho
juntando eu vou*

*o desembaraçando eu venho
o desembaraçando eu vou.*

*

Carlos I

*Mestre Carlos
é bom mestre
que a prendeu sem se
ensinar.*

*Passou três dias deitado
num tronco de juremá
Quando se levantou
era mestre para
trabalhar.*

*Seu doutor
seu doutor
bravo senhor*

*Mestre Carlos chegou
bravo senhor.*

*

Pereira

*Pau pereira
pau pereira
pau da minha opinião.
Todo pau que cresce e brota
não é o pau pereira então.*

*

Manoel de Almeida

*Manoel de Almeida
vamos trabalhar
ele chegou agora
vamos trabalhar*

*Com um pé na mesa
vamos trabalhar
outro de fora
vamos trabalhar.*

*

Carlos II

*Seu doutor, seu doutor
bravo senhor
Mestre Carlos chegou.*

*Na rua da macacheira
Sete portas se abriram
com a fumaça ao
contrário
que Mestre Carlos
mandou.*

*

Chamando mestres I

*Estava sentado na linha
comendo farinha
quando o trem passou.*

*Jogaram um balaio de matéria
que veio do inferno
o diabo mandou*

*Pau-ferro, pau martelô.
Vai virando, pau martelô
(diga o nome do mestre) pau martelô.*

*

Chamando Mestres II

*Eu moro é debaixo d'água
debaixo da ponte eu venho.*

*É na virada
é na virada
é na virada eu venho*

*é na virada
é na virada
é na virada eu vou.*

*

Caldeirão

*Quem nunca viu venha
ver
caldeirão sem fundo
ferver.*

*Ah! eu quero ver
queimar carvão
ah eu quero ver
carvão queimar.*

*

Liamba

*Ô Liamba
ô Liamba*

*é no charuto
é no cachimbo
é na fumaça
é na quimbanda.*

O CATOLICISMO POPULAR

Essa vertente do Catolicismo foi a que teve a maior influência na formação da Umbanda. Com a colonização, ela foi trazida por portugueses pobres e começou a ser difundida, e hoje também é conhecida como catolicismo tradicional popular. Além de portugueses pobres, alguns pequenos

proprietários, índios destribalizados, ex-escravos e, sobretudo, mestiços, adotaram essa prática. Sua força é maior na zona rural, onde a influência do poder político do Estado é sempre menor e onde o sistema de trabalho quase se assemelha ao feudalismo medieval, com senhores e vassalos; daí as grandes referências a essa época histórica europeia e a outras tantas práticas. Essa vertente pode ter tido origem no fato de que eram mandados para a colônia os religiosos europeus, que, para catequizarem, criavam meios um tanto diferentes do catolicismo canônico europeu da época.

Nesse catolicismo, a fé é construída sobre alguns princípios bastante diferentes da Igreja Católica canônica. Em primeiro lugar, é o homem leigo quem ocupa papel central; o especialista, isto é, o sacerdote ordenado, tem um papel secundário, o que faz com que surjam as benzedeiras, os milagreiros e outros tantos personagens da cultura popular do sertão; há uma perda relativa da importância do sacramental frente ao devocional; a fé é mais importante que o rito e passa-se a perceber certa manipulação do sagrado com finalidades do cotidiano; por consequência, é sensível uma diferença entre religião e magia. A religião importa uma transcendência; a magia conota imanência. Enfim, releva-se notável o caráter protetor da religiosidade popular: ela visa a solução prática dos problemas do cotidiano e oferece uma segurança adicional frente ao esforço material.³

Esse Catolicismo é o que se comunica com a Umbanda Tradicional, emprestando a ela seus significados e práticas, como as rezas, as “benças”, entre outros. Nesse Catolicismo do Povo – e na própria Umbanda – há certos elementos pertencentes à prática.

Quando falamos de santo, falamos verdadeiramente da imagem, em volta da qual gira todo o mundo do catolicismo popular. A vida das pessoas centra-se nessa devoção e elas se relacionam o tempo todo com o santo – conversam, pedem proteção, resolução de problemas, para arrumar namorado, etc. – e podem até ficar zangadas e virar a imagem para a parede ou colocá-la de cabeça para baixo caso não sejam atendidas. A imagem personifica o poder sagrado, mas não é a fonte dele. Por isso,

³ Trecho citado livremente de várias definições semelhantes que podem ser consultadas na referência.

diz-se que a imagem não deve ser comprada ou vendida; mas apenas trocada, mesmo que por dinheiro.

A partir disso, surgem também os oratórios, que podem ser da Casa ou da Família, Públicos ou Ambulantes, levados por ermitões andarilhos que vivem de construir ermidas. Destes, um dos mais peculiares, são os oratórios de almas penadas, erguidos geralmente para acalmá-las. A imagem que personifica o poder do santo é capaz de trazer paz às almas sofredoras que tiveram mortes terríveis e não descansaram em paz.

Em maior escala, esse mesmo cristianismo popular constrói igrejas e capelas, nas quais o padre aparece esporadicamente e, pelo contrário, os responsáveis são os fiéis leigos, que organizam rezas e novenas e onde há sempre uma velha senhora pronta para valer-se de suas ervas e cruzar uma criança, tal qual um Preto-Velho de Umbanda.

Para essa vertente do catolicismo, todo o morto desencarnado passa pelo purgatório, pois deve purificar-se de qualquer mancha de pecado; além disso, as almas nada podem fazer por si, cabe aos vivos orar por sua salvação, fazer grandes rezas, acender velas para iluminar seus caminhos e rogar por sua entrada no paraíso com o perdão de seus pecados; as almas só podem interceder junto a Deus por nós após sua entrada no paraíso, corroboradas por nossas preces e sacrifícios.

As orações para as almas que estão no purgatório, nesse catolicismo, são feitas tradicionalmente no cruzeiro do cemitério, ou em uma capela, espécie de “concentração e portal ao purgatório”, que existe nas crenças e ganhou forma segundo a fé popular.

A despeito deste Catolicismo popular, há no Brasil grandes santuários que, embora comandados pelo poder canônico católico, são reduto das maiores manifestações da fé e da realizações de milagres. São eles:

- Santuário de Nossa Senhora de Aparecida;
- Santuário de Nossa Senhora da Penha;
- Santuário de Nossa Senhora de Nazaré;
- Santuário do Divino Pai Eterno;
- Santuário Bom Jesus da Lapa;
- Santuário de São Francisco das Chagas do Canindé.

Da mesma maneira, as principais festas de santos cultuados no catolicismo popular são, em ordem cronológica, a dos Santos Reis, de São Sebastião, de São José, a Semana Santa, o Divino Espírito Santo, o Natal,

as Festas de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Conceição, além de Nossa Senhora do Rosário, São Francisco de Assis, São Benedito e os santos juninos: Santo Antonio, São João e São Pedro.

Tanto para ir aos Santuários como às festas de cada santo, um dos maiores fenômenos que surgiu foi a *romaria*, uma atividade religiosa de peregrinação e autossacrifício, cantada na tão famosa música de Elis Regina, *Romaria*, que retrata essa realidade do Brasil e dos peregrinos em busca de um milagre:

*(...) Me disseram, porém
Que eu viesse aqui
Prá pedir de
Romaria e prece
Paz nos desaventos*

*Como eu não sei rezar
Só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar
Meu olhar*

*Sou caipira, pirapora
Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida.”*

REZAS E CANTIGAS DO CATOLICISMO POPULAR

Oração sonho de São Pedro

(Esta oração destina-se a sonhar com o que se quer saber)

*Meu Glorioso São Pedro
Apóstolo de meu senhor Jesus Cristo,
Confessor da Virgem Maria.*

*Meu glorioso São Pedro, vós quando
Pelo mar vermelho passaste*

*Ouviste um galo cantar e uma
Voz por vós chamar.*

*Pedro..., Pedro..., Pedro...,
Recebe estas chaves que te enviaram.*

*Pois meu Glorioso São Pedro
Assim como estas palavras foram
Ditas e ouvidas, assim eu quero que
Mostres em sonhos o que desejo
Ver, visível e bem visível
(Neste momento faz-se o pedido do que se deseja ver)*

Ao término desta oração, reza-se uma salve-rainha até o trecho “...nos mostrai”.

Oração para abrir os caminhos urgentemente

*Deus saiu eu saí.
Deus andou eu andei,
Deus achou eu achei.*

*Assim como à Nossa Senhora não
faltou leite para o seu bento filho,
pois a mim não faltará o que eu
quero arranjar.*

*Pelo sangue que Jesus derramou no
calvário e pelas lágrimas que vós
derramastes ao pé da cruz,
não ha de faltar o que sair a procurar.*

*Logo ao término desta oração, rezam-se um pai-nosso, uma ave-maria e
uma salve-rainha, até o trecho “...nos mostrai”.*

Oração para casos e problemas impossíveis

Oração a Santa Rita

*Sob o peso da dor a vós recorro
oh! Santa Rita chamada a santa dos impossíveis, certo de que
serei atendido, libertai, eu vos
peço, o meu pobre coração das
angústias que o oprimem.*

*Acalmai meu espírito tão cheio de
preocupações, vós que fostes
escolhida por Deus para advogada
dos casos impossíveis, emprestai-me
a graça que ardentemente vos peço.*

(Neste momento faz-se o pedido)

*Será possível que só eu não sinta a
eficácia do vosso poderoso
patrocínio?*

*Se minhas culpas puserem obstáculos
à realização dos meus desejos
obtede-me de Deus arrependimento
e o perdão.*

*Não permitais que por mais tempo eu
derrame lágrimas amargas,
premieis minha firma esperança em
vós, pela vossa grande misericórdia
para com os espíritos atribulados,
oh! esposa admirável do crucificado
de quem recebestes como presente,*

*na frente, um de vossos dolorosos
espinhos de sua coroa.*

*Ajudai-me, agora nesta minha aflição
e na hora de minha morte, amém!*

Logo ao término desta oração, rezam-se um pai-nosso, uma ave-maria e uma salve-rainha, até o trecho "...nos mostrai".

Oração dos três pedidos a Santo Antônio

(Esta oração destina-se a recuperar objetos perdidos, lembrar os esquecidos, casos de justiça e casos amorosos)

*Meu glorioso padre Santo Antônio
vós que abrandais as fúrias bravas dos campos,
os ventos furiosos,
os mares tempestuosos,
fazei o meu pedido.*

(Neste momento, pede-se o que se deseja e reza-se uma ave-maria, uma salve-rainha e um creio-em-deus-pai).

*Meu glorioso padre Santo Antônio
pelos três dias que andaste em
busca do vosso santo breviário,
pela agonia que tivestes
quando o perdeste,
pela alegria que tivestes
quando o achaste, fazei meu pedido.*

(Neste momento, pede-se o que se deseja e reza-se uma ave-maria, uma salve-rainha e um creio-em-deus-pai).

*Meu glorioso padre Santo Antônio
pela hora que o anjo anunciou
a morte do vosso pai,
Martins de Bulhões,*

*pela alegria que tivestes quando
o livrastes,
pelo vosso hábito,
pela primeira missa que celebraste,
pelo vosso batismo,
pelo gosto que destes à
vossa madrinha,
obtemde o que desejo.*

*Meu glorioso padre Santo Antônio
vós que fostes aquele que livrou
o vosso pai, Martins de Bulhões,
que estava preso ao pé da forca
de Lisboa para morrer enforcado.
Assim espero, meu glorioso
padre Santo Antônio,
por alma de vossa tia e madrinha
que me mostres este milagre,
por nosso senhor Jesus Cristo,
Amém!*

(Neste momento, rezam-se cinco ave-marias, cinco pais-nossos e cinco glórias-ao-pai)

Oração das Almas

(Esta oração destina-se a pedir ajuda em qualquer caso de desespero)

*Almas santas e benditas, abençoadas
de Deus e das três pessoas da
Santíssima Trindade, vós fostes
como eu, e eu coo vós, nem mais
nem menos. Assim, fazei o que vos peço.*

(Neste momento, faz-se o pedido do que se quer conseguir)

*Rogo a Deus pelas almas dos aflitos e
desesperados, aqueles que morreram*

*afogados, com sede e fome,
e aqueles que morreram queimados e
degolados. Rogo a Deus e ao divino
Espírito Santo, que lhes dêem luz,
e alguma destas almas, que estiver
perto de ver a face de Deus,
Vinde a mim falar e dizer bem claro,
isto que vos peço.*

(Neste momento, faz-se novamente o pedido do que se quer conseguir)

*Que eu Rogarei a Deus por vós.
Vinde sem estrondo e sem alvoroço,
comigo falar em sonho, os poderes
de Deus pai, Deus filho e Deus Espírito
Santo, vos peço que façam meu pedidos por aquelas palavras da
consagração, assim vos peço que
mande uma destas almas vir,
sem erro nenhum, e bem claro,
comigo falar neste lugar.*

(No final desta oração, reza-se três pais-nossos, três ave-marias, três glórias-ao-pai e uma salve-rainha, em intenção das almas)

Oração ao Rosário de Maria

(Esta oração destina-se a livrar-se de perigos, inimigos, roubos e demandas)

*Eu ouvi uma voz no céu.
Era o ponto do meio-dia.
Eram os anjos que rezavam o
rosário de Maria.*

*O inferno tremeu de medo.
O céu se encheu de alegria de ouvir
os anjos rezando o rosário de Maria.*

*De onde saiu tanta alma, que no
mundo não havia?
Saiu dos sete mistérios do rosário
de Maria.
De onde saiu tanta alma, que no
mundo não havia?
Saiu dos quinze sepulcros do rosário
de Maria.*

*Coitado do pobre homem, que o
demônio perseguia, por não saber
rezar o rosário de Maria.
O filho assim se compromete de
rezar o meu rosário.
Meu corpo será o seu amparo
meu coração será o seu oratório.*

*Bendito louvado seja o
rosário de Maria.*

*Se Deus não viesse ao mundo,
ai de nós o que seria?*

Oração para fechar o corpo contra inimigos

Oração das sete forças do Credo

*Salvo estou, salvo estarei,
salvo entrei, salvo sairei,
são e salvo como entrou
nosso senhor Jesus Cristo no
rio Jordão com São João Batista.*

*Na Arca de Noé eu entro, com a
chave do senhor São Pedro
eu me tranco.*

*A Jesus de Nazaré eu me entrego,
com as três palavras do credo Deus me fecha.*

*Deus na frente, paz na guia, que
Deus seja minha companhia, o
divino Espírito Santo ilumine os
meus caminhos, me livrando de
todo mal e inimigos que possam se
opor no meu caminho, que as
sete forças do credo fechem meu
corpo. Jesus é minha trindade
para sempre, amém! Jesus.*

Oração à Santa Rita dos Impossíveis

(Esta oração destina-se a qualquer caso impossível)

*Minha amada Santa Rita,
Assim como foste Casada
com Fernando.*

*Pela má vida que ele vos deu,
pela paciência que vós tivestes
quando o viste morto e apunhalado.*

*A nosso senhor Jesus Cristo foste
pedir pela sua salvação,
e ele assim vos concedeu.*

*Assim eu vos peço, que as más
sentenças que forem dadas hoje
ou em outro qualquer dia comigo
ou com pessoas da minha família,
seja a nossa advogada.*

*A nosso senhor Jesus Cristo, vós que
rompeis todos os impossíveis, ó gloriosa Santa Rita, ajudai que*

*todas as más sentenças
sejam revogadas a nosso favor*

Assim seja!

Grande invocação

*Em nome de Cipriano,
e suas sete candeias,
em nome de seu cão preto,
e suas sete moedas de ouro,
em nome de Cipriano
e de seu punhal de prata,
em nome de Cipriano
e sua montanha sagrada,
em nome da árvore dos zéfiros e
do grande carvalho – eu peço e
serei atendido,
pelas sete igrejas de Roma,
pelas sete lâmpadas de Jerusalém,
pelas sete candeias douradas do
Egito,
EU SAIREI VENCEDOR.*

(Fazer esta invocação com uma vela acesa e sete moedas de cobre. Esta reza deve ser recitada na perigosa hora, mas é benéfica.)

*Eu, Cipriano, servo de Deus, a
quem amo de todo o meu
coração, com meu corpo e minha
alma. Pesam-me todos os erros
que cometi e que cometem
contra vós. Agradeço-vos,
senhor, pelas graças adquiridas.
Dai-me forças para livrar aqueles*

que necessitam de mim: da maldade, da doença, da injúria e do sofrimento. Por todos os que vivem e reinam nos céus. Amém.

Lenho de Cipriano contra feitiços

Pega-se uma cruzinha de arruda, um maço de ciprestes (da natureza) e um cravo vermelho.

Armam-se esses dois feitiços (o maço e o cravo) no braço horizontal da cruz. Deve-se usá-lo atrás da porta de Casa.

Oração das 13 coisas para amolecer corações

*Uma é a Casa santa de Jerusalém
Onde Jesus nasceu.*

*Duas são as tábuas em que
Moisés recebeu a lei que nos
Governava.*

Três são os cravos da paixão.

Quatro são os evangelhos.

Cinco são as chagas.

*Seis são os primeiros selos que o
Cordeiro abriu no apocalipse.*

*Sete são as cartas que são João no
Apocalipse escreveu às sete igrejas
Da Ásia.*

*Oito são as primeiras epístolas de
São Paulo.*

*Nove são os coros de anjos que para
o céu subiram.*

*Dez são os mandamentos da Lei de
Moisés.*

*Onze são as 11.000 virgens que
Estão em companhia dos céus.*

Doze são os santos apóstolos.

Doze são os reis que tudo quebram

*e amansam, assim hei de quebrar
e amansar o coração de (dizer o nome da pessoa)
para mim. Assim foi e assim será.*

Rosário apressado ao Bom Jesus dos Passos

(Esta oração destina-se a resolver qualquer caso complicado e livrar-se de embaraços)

No lugar do pai-nosso, reza-se:

*Meu glorioso bom Jesus dos Passos,
meu espelho minha Luz,
Vós sozinho vos achaste com o
peso santo da cruz.
Eu vos chamo com tão grande piedade
Meu bom Jesus dos Passos.*

*Valei-me nas minhas necessidades,
meu bom Jesus dos passos.
Vós sabeis, mandai-me um filho
vosso, que seja irmão meu,
valer-me pelo amor de Deus.*

No lugar das ave-marias, reza-se:

*Pela vossa mãe, pelos vossos passos,
livrai-me, meu bom Jesus do Passos,
de todos e quaisquer embaraços.*

No final reza-se o seguinte oferecimento:

*Cordeiro de Deus, meu pai e meu redentor, eu vos peço e venho
contrito e humilhado, recebei-me nos vossos braços, que nos
rosto ergueste ao vosso eterno pai, pela vossa salvação,
ouvi-me meu bom Jesus dos passos e salvai-me.
Amém !*

LIVROS

- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Vozes. Petrópolis, 1993.
- DELUMEAU, Jean (dir.). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.
- ESPIN, Orlando O. *A Fé do Povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*. Edições Paulinas. São Paulo, 2002.
- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Ed. Paulus, 1999.
- JORGE, pe. J. Simões. *Cultura Religiosa: o homem e o fenômeno religioso*, 2a. Edição. Edições Loyola. São Paulo, 1994.
- MATTA e SILVA, W.W. da. *Umbanda de Todos Nós*. São Paulo: Ícone, 1996 p.78-130.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; VALLE, J. Edênio; ANTONIAZZI, Alberto. *Evangelização e Comportamento Religioso Popular*. Ed. Vozes. Petrópolis, 1978.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de, *Religião e dominação de classes*, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 112.
- PALEÁRI. *Religiões do Povo: um estudo sobre a inculturação*, 2a. Edição. Ed. Ave-Maria. São Paulo, 1990.
- PINTO, Altair. *Dicionário da Umbanda*. Rio de Janeiro: Eco, 1971 p.82-84.
- QUEIROZ, José J. (org). *A religiosidade do Povo*. Edições Paulinas. São Paulo, 1984.

SAIDENBERG, Thereza. Como surgiu a Umbanda em nosso país: 70º aniversário de uma religião brasileira. Revista Planeta, São Paulo, Nº 75, dez 1978. p. 34-38.

SOUZA, Leal de. *No Mundo dos Espíritos*. Rio de Janeiro: Oficinas de A Noite, 1925.

WILGES, Irineu. *Cultura Religiosa: as religiões no mundo*, 9a. edição. Ed. Vozes. Petrópolis, 1989.